



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**A IGREJA CATÓLICA NO RIO GRANDE DO NORTE:  
O EPISCOPADO DE DOM MARCOLINO DANTAS  
(1929-1967)**

**JOELMA ALEXANDRE DE SOUZA**



**NATAL/RN  
2006**

**JOELMA ALEXANDRE DE SOUZA**

**A IGREJA CATÓLICA NO RIO GRANDE DO NORTE:  
O EPISCOPADO DE DOM MARCOLINO DANTAS  
(1929-1967)**



Monografia apresentada à  
disciplina de Pesquisa Histórica  
II, do Curso de História da UFRN,  
sob orientação do professor  
Wicliffe de Andrade Costa.

NATAL/RN  
2006

Ao meu pai, João Francisco de Souza (*in memoriam*), grande parceiro desta graduação.

Ao meu esposo, Edilson Duarte, por saber me compreender e apoiar nos momentos de incerteza e desânimo e pela imensurável paciência, ao dividir-me com os livros.

Ao meu filho, Paulo César, que desde seu nascimento compartilhou comigo momentos de estudos e pesquisas.

Para minha mãe, Creuza Alexandre, protagonista da minha história.

Para minha madrinha, Maria Alexandre, com quem aprendi a gostar de história.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por ter-me dado coragem, força e saúde para realizar e concluir este trabalho, o qual representa um momento de muito esforço e dedicação na minha vida.

A Nossa Senhora, Maria Mãe de Deus, exemplo de fé e confiança em Nosso Senhor.

Aos meus pais, meus primeiros educadores, que souberam me guiar pelo caminho da honestidade e do respeito.

Ao meu esposo, que soube compreender minhas ausências, meu estresse e meu imenso desejo de realizar este curso.

Aos professores do Curso de História da UFRN, em especial à professora Aurinete Girão e Conceição Fraga, por não medirem esforços na minha aprendizagem e por me ajudarem a concluir este trabalho.

Ao meu orientador, Wicliffe Costa, pela confiança depositada, dedicação e esmero nas sugestões que possibilitaram esta versão definitiva, sem o qual, tudo seria muito mais difícil.

As minhas amigas de curso, Elizângela e Luzimar, por todo o tempo que compartilhamos juntas risos e lágrimas, e pelo grande incentivo, que me deu forças para não desistir, mesmo nos momentos mais difíceis.

As minhas colegas de trabalho, Eunice e Ivani, pela paciência que tiveram comigo, suportando-me nos momentos angustiantes pelos quais passei.

E, por fim, a todos que conviveram comigo durante este tempo de graduação, sendo testemunhas da minha dedicação e força de vontade.

Minha eterna gratidão.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1. A IGREJA CATÓLICA EM NATAL.....	11
1.1 Contexto histórico.....	11
1.2 Criação da Arquidiocese.....	19
2. EPISCOPADO DE DOM MARCOLINO DANTAS.....	23
2.1 Os desafios da Igreja local.....	25
2.2 O zelo pela educação católica.....	29
2.3 A participação da Igreja no Movimento de Natal.....	31
2.4 A utilização dos meios de comunicação.....	34
2.4.1 O rádio.....	34
2.4.2 O jornal <i>A Ordem</i> .....	37
2.5 O seminário em Natal.....	41
3. AÇÃO OU REAÇÃO DA IGREJA?.....	44
3.1 As ameaças à Igreja.....	44
3.2 Renovar para salvar.....	48
Conclusão.....	55
Fontes e bibliografia.....	57

## INTRODUÇÃO

A maneira de se pensar e fazer história não foi mais a mesma desde que surgiu o movimento que teve como principais idealizadores Marc Bloch e Lucian Febvre, conhecido como “Escola dos *Annales*”. Este vem questionar a idéia dominante de que a história deve se preocupar com questões políticas e tradicionais. A escola dos *Annales* ampliou o campo da historiografia, dedicando-se a uma história total, ligada a todas as ciências humanas. A história passou a ser vista como disciplina que se preocupa com a questão social e está inserida em tempos distintos, em diferentes sociedades. Portanto, dessa maneira, surge uma nova problemática metodológica em torno de uma nova perspectiva de se fazer história.

Segundo Vavy Pacheco Borges: “São os homens que fazem a história: mas evidentemente, dentro das condições reais que encontramos já estabelecidas, e não dentro das condições que sonhamos”.<sup>1</sup> A história não é apenas um levantamento de dados ou fatos, mas procura explicar uma relação desconhecida, uma verdadeira investigação, e o historiador é um privilegiado selecionador de fatos. Estes terão significados a partir da abordagem feita pelo historiador.

O historiador contemporâneo tem um novo desafio a enfrentar, o de trabalhar novos temas e fazer uso de novas fontes, antes não exploradas. Porém é importante saber buscar os significados contidos nas representações feitas por indivíduos ou por grupos, a fim de atender essa nova perspectiva da história.

Contudo muitas temáticas são frutos típicos de uma determinada época. Estas afloram, respondendo às inquietações provocadas por um certo período, de modo que perderiam o sentido e a relevância em um outro contexto histórico. A problemática que essa pesquisa pretendeu analisar foi referente à situação da Igreja Católica em Natal, no período

---

<sup>1</sup> BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981. p. 45

entre 1929 e 1967, no qual a Igreja em Natal estava sob a liderança do bispo Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas.

A Igreja Católica no Brasil, passava por momentos de tensões em relação a sua credibilidade com os fiéis e em Natal, tinha sua autoridade ameaçada por diversos motivos, entre outros, eram: o crescente número de evangélicos, a diminuição do número de clérigos seculares e os problemas sociais e políticos vivenciados pela população em geral. A Igreja havia esquecido de dedicar-se ao bem-estar de seus "fiéis", e o declínio de seu público logo começou a incomodá-la.

Sobre que conseqüências tiveram esses desafios para a Igreja e como ela reagiu a todos eles, é o que se pretendeu analisar nesta pesquisa. O período de episcopado de Dom Marcolino Dantas, foi marcado por atuações que resultaram em uma aproximação da Igreja com o povo potiguar, por meio de movimentos sociais incentivados pela própria Igreja, que serão apresentadas ao longo do estudo, além de enfatizar algumas transformações ocorridas neste período que possibilitou uma reflexão sobre as ações da Igreja. Essas ações incentivaram a criação de colégios Católicos, a circulação de um jornal, *A Ordem*; a organização de sindicatos, a criação da *Emissora Rural de Natal*, em 1958, além de proporcionar reflexões em torno de questões sociais, bem como a criação da Campanha da Fraternidade, em 1962, em Natal, e logo aceita por todo o país;

As décadas de 30 e 40 exigiram uma verdadeira renovação da Igreja. Seus líderes, o alto clero, voltaram-se para as novas diretrizes que deveriam ser traçadas com urgência, na busca de soluções para que a popularidade da Igreja Católica voltasse a crescer. A década de 50 foi o início da consolidação dessas ações renovadoras, que se estenderam até os primeiros anos da década de 60.

Como já foi mencionado, Dom Marcolino estava à frente da diocese de Natal, e uma das preocupações do bispo era a educação, prova disso é que em seu governo o estado potiguar recebeu um grande número de congregações religiosas dedicadas ao campo educacional. Ele construiu o

Seminário de São Pedro, prédio importante para a formação de novos sacerdotes, e criou as dioceses de Caicó e Mossoró. Em seu governo vivenciou o período da Intentona Comunista em 1935, que, apesar de se estender por apenas dois dias, provocou grande desorganização na cidade.

O episcopado de Dom Marcolino, foi marcado por outros fatos que compunham o novo contexto nacional vivenciado pela Igreja católica, como os problemas relacionados à questão agrária. Iniciativa de grande importância foi o movimento que ficou conhecido como “Movimento de Natal”, idealizado pelo padre Eugênio Sales nessa época.

Este trabalho historiográfico correspondeu ao campo explorado pela nova maneira de ser fazer história, já que se fez uma abordagem em torno de Dom Marcolino, que passou de personagem anônimo a ser protagonista desta história. O que nos faz analisar o tema sobre a perspectiva da *micro-história*. No entanto, para se analisar o indivíduo a partir deste campo, fez-se necessária exploração de alguns conceitos, um deles é mencionado por Giovanni Levi, em *A escrita da história*.

Um dos procedimentos da micro-história é eleger um personagem particular e a partir dele obter acesso ao conhecimento do passado, buscando a resolução de um problema.

Outro pesquisador é Ronaldo Vainfas, que fez referência à micro-história como uma escala de observação reduzida das fontes como também, descrição etnográfica e preocupação com a narrativa literária, características estas que estão inseridas nesta pesquisa.

Vale salientar que os motivos das mudanças ocorridas na Igreja no contexto situacional da época foram considerados do ponto de uma perspectiva individual, feita sobre uma análise microscópica, mas sem perder de vista a visão da escala social, pois segundo Burke: “Toda ação social é vista como resultado de uma constante negociação, manipulação, escolhas e decisões do indivíduo, diante de uma realidade normativa que,

embora difusa, não obstante oferece muitas possibilidades de interpretações e liberdades pessoais.”<sup>2</sup>

Todavia, o estudo também se vale da História Oral, que se refere a um tipo de fonte produzida pelo próprio historiador à medida que este seleciona relatos e depoimentos sobre um referido objeto. O autor José D’Assunção Barros especifica este campo da história: “Suas preocupações neste âmbito estarão relacionadas ao tipo de entrevista que será utilizado na coleta de depoimentos, ao uso ou não de questionários pré-direcionados, e assim por diante”.<sup>3</sup>

Para efetivar tal pesquisa, conforme a História Oral orienta, foi elaborado um questionário a ser usado com pessoas que conviveram com Dom Marcolino. Outra fonte importante foram os artigos da época, retirados do jornal *A Ordem*, bem como livros e trabalhos dissertativos que abordaram algum tema referente a Igreja Católica em Natal.

Outras cidades poderiam ter sido escolhidas para tratar de um tema como este, da Igreja católica, mas a cidade do Natal, no Rio Grande do Norte, tornou-se conveniente a pesquisa, uma vez que o acervo da Arquidiocese foi fonte de referência para tratar do tema, e vale salientar que Natal foi pioneira em diversas ações sociais que serviram de exemplo para a Igreja nacional. A importância desses fatos renovadores na Igreja em Natal favoreceram o desenvolvimento do estudo do tema.

No entanto, vale salientar, outros membros do clero, como o padre Eugênio Sales, foram autores de idéias inovadoras para a Igreja da época, que será abordada, mas adiante, contudo, entendendo que a instituição estava aos cuidados de Dom Marcolino Dantas, as mudanças ocorridas na Igreja em Natal durante seu episcopado é o tema da pesquisa, já mencionado anteriormente.



<sup>2</sup> BURKE, Piter (Org). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992. p. 135.

<sup>3</sup> BARROS, José D’Assunção. **O campo da história**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2005. p. 133.

# 1. A IGREJA CATÓLICA ROMANA EM NATAL (1929-1967)

## 1.1 Contexto Histórico

A palavra Igreja vem da tradução do latim “*Eclésia*”, no entanto, o conteúdo que ela transmite tem seu significado na língua hebraica e quer dizer “ato da reunião” ou também “a própria comunidade reunida”.<sup>4</sup>

Ao usarmos o termo “Igreja Católica” estamos nos referindo a uma grande comunidade de fiéis batizados e espalhados por todo o mundo que seguem a mesma doutrina e professam a mesma fé: católica.

A Igreja ao longo de sua vida passou por vários momentos importantes na história da humanidade, acompanhou suas descobertas e fez parte de seu desenvolvimento. O fato é que esta instituição vem resistindo às transformações do tempo e os valores sociais há 2000 anos sem passar por este de maneira omissa.

No século XX ela enfrentou novos desafios. Dessa vez a autoridade e a oposição da Igreja é ameaçada. A própria divisão da economia mundial que fez surgir dois grandes blocos econômicos: capitalismo e socialismo exigiu da Igreja uma reafirmação de seu papel na história da humanidade.

Em 1917, na Rússia, Lênin foi o responsável pelo surgimento de uma política anti-religiosa, a qual provocou um novo tipo de pesadelo para os católicos que viviam ameaçados pela nova visão do marxismo. Já no Ocidente, os desafios eram outros: mudança de costumes como vestidos curtos, as mulheres usando cabelos cortados rentes, o fox-trot, as agitações de uma civilização abalada pelos progressos técnicos (automóveis, avião, rádio, cinema, etc.) Todas essas transformações contribuíam para a formação de uma sociedade pagã, que vivia em um período de desequilíbrio social; conseqüentemente, nesse modelo de sociedade, era difícil surgir vocações sacerdotais, o que impossibilitava a Igreja de aproximar-se do povo, devido ao número insuficiente de padres.

---

<sup>4</sup> ARNS, Paulo Evaristo. **O que é Igreja**. São Paulo: Abril Cultural /Brasiliense, 1985. p. 9.

Era necessário haver uma renovação nas atitudes da Igreja, uma fórmula revolucionária que reanimasse o clero e o povo católico, chamando-os à participação, a uma ação concreta. <sup>5</sup>

Essa percepção da necessidade de transformações dentro da Igreja não se deu de uma hora para outra, foi uma progressão. A Igreja foi fazendo uma reflexão sobre sua condição, mesmo diante dos fiéis participantes. A encíclica de Pio XI, em 1931, comentou sobre a restauração e aperfeiçoamento da ordem social, fez uma análise sobre o trabalho social da Igreja, além de denunciar a ditadura econômica do capital e condenar com veemência o socialismo. <sup>6</sup>

Depois da I Guerra Mundial muitas mudanças ocorreram no mundo e conseqüentemente no Brasil, o que afetou diretamente suas estruturas políticas e sociais. Após o grande período de crise que se viveu no pós-guerra, o capitalismo se impôs novamente às grandes economias mundiais. Os países faziam políticas estratégicas para deter o fechamento de empresas e retomar o crescimento econômico.

O Brasil, sendo um país exportador, também foi submetido à alteração em sua economia nos anos 30, ocasionada pelas dificuldades ocorridas na década anterior. A crise econômica nos anos 20 provocou protestos dos tenentes, greves, movimentações políticas e sociais, culturais e religiosas, em todo o país.

A partir de 1930 os católicos passaram a ter sucessivas vitórias em questões políticas. A Igreja se tornou cada vez mais poderosa, porque o Estado buscava o apoio no poder eclesial, devido às instabilidades no plano econômico provocado pelo "crack" da Bolsa de Nova York. A desconfiança no poder público cresceu ao ponto de o povo sentir-se desprotegido. A Igreja era a "mãe protetora", que prestava auxílio e dava aos filhos confiança e esperança de uma vida melhor. Nesse período, ela se lançou na busca de se fortalecer institucionalmente, com o poder da

---

<sup>5</sup> PIERRARD, Pierre. **História da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 260.

<sup>6</sup> PINTO, Maria Lúcia Leite. **Escola radiofônica: Ação política e educativa da Igreja Católica no Rio Grande do Norte (1956-1961)**. 1989. Dissertação (Mestrado em Educação) - UFRN.

massa católica. Na década de 30 todo o país passava por uma “reorganização política”, juntamente com seus estados, mas, no Rio Grande do Norte, esse processo não trouxe grandes modificações: “Na Revolução de 30, o Rio Grande do Norte foi, apenas, uma caixa de ressonância do que se passava nos outros estados. Os revolucionários potiguares não ultrapassavam meia dúzia”.<sup>7</sup>

Antes da Revolução de 30 o governador do Rio Grande do Norte, Juvenal Lamartine de Faria, embora formado em Direito e sendo reconhecedor das leis, beneficiou seus amigos, ao mesmo tempo em que agia <sup>com</sup> extrema violência com seus inimigos políticos. O seu governo foi marcado por criatividade e inovação, mas também por atos violentos.

Em 1932 o estado potiguar sofreu uma grande seca, o que provocou o aumento do desemprego, a fome e o êxodo rural. A insatisfação do povo se estendia ao meio político. Nesta época, Getúlio Vargas, presidente do Brasil, nomeou para os estados brasileiros os chamados interventores. Estes homens, que eram a “lei” no estado, nem sempre contentaram a população, provocando um verdadeiro rodízio de interventores. Foi neste período que a Igreja buscou reaproximação com o poder civil, e coube a Dom Sebastião Leme,<sup>8</sup> representante do poder eclesiástico, a aproximação com Vargas. Vale salientar que Dom Leme já vinha se destacando no governo de Washington Luís, como o mediador da paz.

Assim foi criada uma aliança implícita entre o Estado e a Igreja. As instituições religiosas visavam interesses próprios da Igreja, esta por sua vez tentou de todas as maneiras, usar sua influência junto ao Estado. Recebendo apoio das classes sociais, usou estratégias de flexibilidade, procurou sempre adequar seu comportamento às situações que lhe favorecessem. De forma sutil infiltrava-se nas camadas populares e articulava suas idéias, pelo que afirmava ser seu direito.

---

<sup>7</sup> SOUZA, Itamar de. 1935: os comunistas. **Diário de Natal**, Natal, fasc. 5 , p. 135, 22 jun. 1999.

<sup>8</sup> Em 1916 Dom Sebastião Leme, ao ser nomeado bispo de Olinda, chamou a atenção em sua Pastoral para a perigosa ausência da Igreja, na vida da sociedade brasileira: vida cultural, social e política (ARNS, E. p.128).

Vale salientar que os direcionamentos tomados pela Igreja a nível nacional eram a toda risca seguida pela Igreja Católica em Natal, o que contribuiu para a unificação das idéias eclesiásticas, já que as dificuldades políticas eram praticamente as mesmas.

Na busca pela proximidade do poder estatal a disputa de dois grupos (esquerda e direita) se sobressaíram na sociedade: a Ação Integralista Brasileira (AIB) e a Aliança Nacional Libertadora (ANL). “Os católicos, como Dom Hélder Câmara, viam no integralismo a melhor maneira de combater o comunismo ateu”.<sup>9</sup> Isto porque havia semelhança entre as idéias defendidas pela Ação Integralista Brasileira com a posição que a Igreja tomava em relação aos comunistas.

No Rio Grande do Norte, a AIB surgiu em 1933. Não foi um grande movimento, porém atingiu as pessoas, tanto no campo quanto na cidade. No ano seguinte, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) reconheceu a necessidade de um movimento que unisse os brasileiros por um mesmo ideal, o que o fez criar vários grupos em locais diferentes do país. Não é preciso lembrar que as ações desses comunistas eram verdadeiros problemas para o Governo, já que estes denunciavam as omissões das autoridades e questionavam o que os grupos políticos chamavam de “desenvolvimento” do país, devido ao crescente número de desempregados, fome e mortalidade infantil, entre outros problemas sociais.

Os comunistas pretendiam construir a democracia no país, derrubando assim o regime autoritário, já que implantariam uma política que beneficiasse o trabalhador oprimido por um sistema capitalista falido.

Todos esses anseios contribuía para que um movimento armado, conhecido depois como “Intentona Comunista de 1935”, eclodisse em Natal.

No dia 23 de novembro de 1935, os militantes comunistas, que integravam as fileiras do 21º Batalhão de Caçadores, começaram, à noite, o movimento insurrecional. Aquele dia transcorreu tranqüilo,

---

<sup>9</sup> PINTO, M<sup>a</sup>. L. L. **Escola radiofônica**. p. 87.

rotineiro, sem anormalidade na vida da cidade. As autoridades – governador e secretários do Estado – estavam no Teatro Alberto Maranhão, assistindo à festa da formatura dos alunos de contabilidade do Colégio Marista.<sup>10</sup>

Os comunistas também atacaram ao Quartel da Polícia Militar, tomando de surpresa o governo do estado. O ataque foi intenso, com no mínimo “17 horas de tiroteio”. Foi instaurado um Governo Popular Revolucionário que, no entanto, só se manteve no poder por três dias. Depois disso, aos poucos a cidade foi voltando ao normal. A Igreja Católica por sua vez, promoveu em Natal e no interior, atos públicos reprimendo o atentado comunista e agradecendo a Deus pela vitória da legalidade. Uma grande multidão saiu em passeata da Igreja do Bom Jesus, no bairro da Ribeira, até a Igreja de São Pedro, no bairro do Alecrim. Dom Marcolino, bispo de Natal, celebrou no dia seguinte uma Missa campal na mesma intenção.

Com o objetivo de testemunhar a fé católica, a Igreja tomou a iniciativa de colocar crucifixos nas escolas e repartições públicas, como forma de combater o comunismo, que parecia negar a existência do cristianismo.

A agitação provocada pelos comunistas ameaçou a posição do governo brasileiro e conseqüentemente a posição da Igreja, pois o quadro político que a Intentona Comunista gerou foi visto pela Igreja como uma ameaça a sua unidade institucional e sua ideologia. Diante dessa tensão social, a instituição religiosa despertou para uma ação evangelizadora, anunciando sua preocupação em “salvar o país” das mãos comunistas e sua defesa da concretização de uma reforma social. A própria Igreja iniciou uma reforma na liturgia, em suas pastorais e em outros aspectos religiosos. O tempo era de uma ação católica.

A Constituição de 1934 havia mudado o tratamento que fora dado à Igreja na constituição anterior. Durante todo o período do Estado Novo (1937-1945), apesar das repressões e outras atitudes ditatoriais, submissa, a Igreja aceitou a situação, tanto assim que aumentou seu

---

<sup>10</sup> SOUZA, Itamar de. **1935: os comunistas.** p. 135.

poder durante a ditadura de Vargas. Na campanha de 1945, ela lançou um projeto de indicação de candidatos à Constituição de 46, apoiando os candidatos independentemente de sua filiação partidária, desde que o programa do partido não fosse de encontro aos princípios da sua Doutrina Social.<sup>11</sup>

Com relação à crise nacional, a Igreja Católica, iniciou uma série de julgamentos quanto a questões políticas, sociais e econômicas. Alguns bispos dos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, lançaram um documento falando sobre a crise econômica que havia se acentuado no país. Em 1945, foi lançado o *Manifesto*, que trouxe a assinatura de Dom Jaime de Barros Câmara, em nome do episcopado do Brasil. Através do Manifesto a Igreja mantinha um trabalho de orientação política à sociedade, sem que fosse posto de lado os direitos eclesiásticos. A Igreja foi favorecida com este documento:

Concordem em aceitar a liberdade da Igreja e as reivindicações de nossa consciência religiosa, que são as de quase totalidade de sua população. É medida de alta sabedoria política inspirada no desejo sincero de conservar a harmonia entre o poder civil e a consciência espiritual da nação.<sup>12</sup>

A partir da década de 1950 ocorreram intensas mudanças nesta instituição religiosa no Brasil, principalmente no que diz respeito a sua organização e ideologia. Houve maior interesse pelo aspecto social. Esta mudança significou ir ao encontro das aspirações daquelas camadas populares que constituíam sua base social. Todavia, é bom lembrar que, mesmo antes da fundação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), entre 1945 e 1952, a Igreja já se esforçava para estreitar os laços com o governo.

Na segunda gestão de Vargas (1951-1954) o regime político sofreu algumas mudanças: o plano econômico propôs, que o governo adotasse

---

<sup>11</sup> No meio operário, os Círculos Operários Católicos se multiplicaram, sobretudo no período do Estado Novo [...] quando o Estado aposta nas lideranças católicas para diminuir a influência de esquerda no episcopado. (ARNS, E. p. 131)

<sup>12</sup> LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. **A Igreja católica no Brasil República**: cem anos de compromisso (1889-1989). São Paulo: Paulinas, 1991. p. 61.

uma postura conciliatória, procurando atender os interesses tanto da classe trabalhadora como da classe dominante. Porém Café Filho (1954-1956), vice-presidente, quando assumiu o governo, mudou a diretriz econômica, favorecendo as multinacionais.

Quando Juscelino Kubitschek chegou à presidência no ano de 1955, trouxe novas propostas de desenvolvimento. Seu governo foi marcado pelas realizações econômicas e pelo clima de liberdades públicas, porém:

Essa política econômica adotada não só contribuiu para intensificar as desigualdades entre as regiões, como fortaleceu a manutenção do poder econômico e político de uma minoria, em detrimento da maior parte da população que se encontrava em permanente estado de pobreza. <sup>13</sup>

Para entender este quadro político é bom lembrar que a Igreja católica sempre esteve ligada às estruturas políticas e agiu da maneira que, para ela, fosse a mais conveniente. Os anais da História do Brasil mostram a inserção da Igreja em assuntos que se referem aos diversos setores da sociedade como, por exemplo, a educação, na qual teve grande influência. Todavia, ela foi excluída da ordem social através do decreto datado de 07/01/1890, neste decreto a Igreja foi vista com adversária do Estado, não mais como colaboradora de suas ações. O nome de Deus foi tirado da Constituição Brasileira, o que foi visto pela Igreja Católica como provocação.

Diante das medidas hostis do Estado, a Igreja Católica iniciou uma batalha que durou 40 anos, no intuito de reconquistar sua posição de destaque perante o Estado [...] com recursos advindos da Europa, criou um rede de escolas, hospitais, missões religiosas e seminários. <sup>14</sup>

Na década de 50, Igreja e Estado uniam forças para permanecerem em posição de liderança e autoridade perante o povo. Por isso ambos os poderes criavam políticas internas de aproximação. A Igreja convidava o Estado a colaborar com suas ações sociais. Como afirmou Mainwaring:

<sup>13</sup> PINTO, M<sup>a</sup>. L. L. **Escola radiofônica**, p. 29.

<sup>14</sup> Ibid., p. 33.

Entre 1950 e 1954, os problemas agrários passaram a ocupar o primeiro plano na política brasileira, em grande parte porque o fortalecimento dos movimentos camponeses gerou conflitos e politizou as más condições dos setores mais carentes da população brasileira. <sup>15</sup>

A Igreja já há algum tempo se preocupava com a questão da terra. Os primeiros impulsos reformistas no campo ocorreram no Nordeste. Por iniciativa das freiras em Nísia Floresta,<sup>RN</sup> surgiram as primeiras Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).  
*congregação - ordem?*

Mesmo com o conservadorismo influenciando uma boa parte da Igreja, alguns líderes se destacaram na luta pelos direitos do homem sobre a terra. Mas, apesar das inúmeras discussões em torno do assunto, o problema agrário não teve nenhuma solução eficiente. “As primeiras declarações sobre a reforma agrária geralmente diziam que somente a terra ociosa deveria ser redistribuída e que mesmo assim o Estado deveria reembolsar o proprietário”. <sup>16</sup>  
*↳ poderia citar nomes*

Nos finais dos anos 50 a Igreja intensificou seu envolvimento na luta pela terra. E foi nos anos 60<sup>¶</sup> finalmente obteve uma mudança no seu pensamento, visto que ela própria atribuía o acúmulo de terras à modernização, tendo mudado o pensamento para um encorajamento da modernização com a redistribuição:

Embora as declarações do início da década de 60 fossem mais progressistas que aquelas da década anterior, elas continham algumas das mesmas limitações. Os prelados continuavam acreditando que, com o tempo, o desenvolvimento econômico resolveria os problemas mais importantes dos camponeses. <sup>17</sup>

As ações sociais conjuntas entre Igreja e Estado foi garantida com a publicação de um “Plano Nacional de Ação Social”, que foi lançado sob a forma de Manifesto, o qual convocava os católicos a colaborarem com os serviços oficiais. Mas somente no ano de 1952 a CNBB tornou-se a

---

<sup>15</sup> MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 72.

<sup>16</sup> Ibid., p.73.

<sup>17</sup> Ibid., p.75.

mediadora entre os dois poderes (civil e religioso) e abraçou a causa social juntamente com sua missão evangelizadora.

✂ ✂ Em 1954, na presidência de Juscelino Kubitschek, a CNBB já tinha condições de negociar com o governo e já contava com sua ajuda oficial em entidades criadas pela própria Igreja. No governo de Juscelino a palavra desenvolvimento era muito citada, a Igreja aproveitou-se do momento para inserir-se como participante desse novo contexto social, o que confundiu o senso crítico de alguns católicos quanto ao seu papel missionário.

## 1.2 Criação da Arquidiocese

O Papa Leão XIII através da bula *Ad Universas Orbis Ecclesias*, de 27 de abril de 1892, reorganizou a hierarquia católica<sup>18</sup>, criando quatro novas dioceses, entre estas estavam a da Paraíba, desmembrada do Bispado de Pernambuco.\*

O Brasil foi dividido em duas províncias eclesiásticas: a meridional, com sede metropolitana no Rio de Janeiro, e a setentrional, sendo a sede metropolitana no prelado da Bahia. O Rio Grande do Norte se incluiu na Diocese da Paraíba.

Em 29 de dezembro de 1909 através da bula *Apostolicam in Singulies* do Papa Pio X, a Diocese de Natal foi desmembrada da Paraíba. No entanto só seria elevada a Arquidiocese em 1 de março de 1952.

No início do século XX Natal era uma cidade sem muita estrutura, passou a ser urbanizada com a ajuda do governo federal, mas principalmente com o empréstimo adquirido nos bancos estrangeiros pelo governo do estado. Essa modernização atingiu, de início, os bairros da Ribeira e Cidade Alta.

---

<sup>18</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. Natal: Fundação José Augusto. 1984. p. 238.

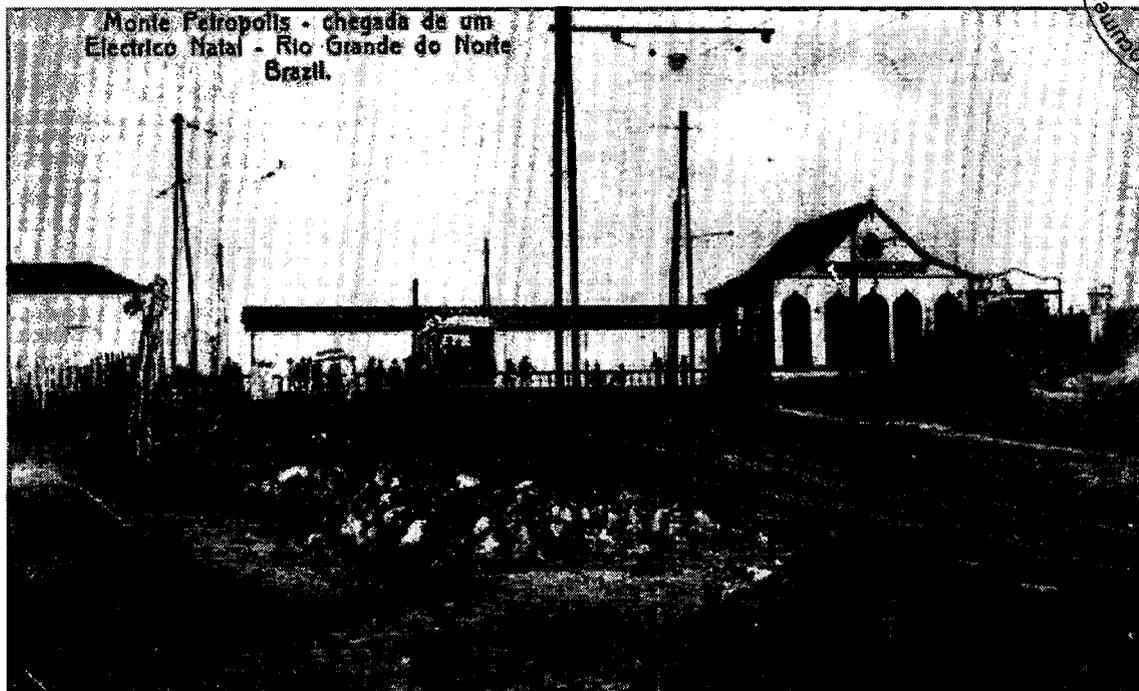


FOTO 1

A foto mostra a chegada de um bonde ao monte Petrópolis, em Natal, capital do Rio Grande do Norte, seguindo a linha inaugurada em agosto de 1912.<sup>19</sup>

A chegada da energia elétrica era a grande atração (1911), pouco antes, 1910, o sistema de água e esgoto foi expandido. Já na questão do transporte urbano ocorreram poucas melhorias, na época, bondes elétricos circulavam (ver foto 1).

Enquanto isso, as precárias condições de vida e trabalho no campo, sob o domínio do monopólio da terra, eram mantidas. A fome, somada às secas frequentes, e às epidemias, respondiam por uma corrente de êxodo rural permanente, que continuava a se dirigir para os seringais da Amazônia e, também para os cafezais do Sudeste do país.<sup>20</sup>

Neste período o primeiro bispo da Diocese de Natal, Dom Joaquim Antônio de Almeida, chegou à capital do Rio Grande do Norte para assumir a direção da Igreja. Porém, ele teve um período curto, governou de 1911 a 1915. Dom Joaquim era natural de Goianinha, e era bispo no

<sup>19</sup> <<http://www.novomilenio.inf.br/sanots/bonden13.htm>> Acesso em: 30/05/06.

<sup>20</sup> MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à História do Rio Grande do Norte**. Natal: Cooperativa Cultural Universitária, 2002. p. 217.

Piauí, antes de vir para Natal. Nesta época a Diocese era todo o estado potiguar.

Dom Joaquim dedicou-se a área educacional. Foi ele o fundador do Seminário Diocesano em 1911. Fundou o Colégio Sagrado Coração de Maria, em Mossoró, além de reabrir o Colégio Santa Luzia, na mesma cidade. Em seu bispado, contou com a ajuda de congregações religiosas e frades franciscanos para a direção desses colégios. No entanto, ele afastou-se dos trabalhos da diocese por motivo de doença, e quando retornou foi como Bispo Missionário. Faleceu aos 79 anos de idade em Macaíba, município do Rio Grande do Norte. O segundo bispo que governou a Igreja Católica em Natal, foi Dom Antonio dos Santos Cabral. Este era sergipano. Sua posse se deu em 30 de maio de 1918. Seu governo não teve nada de novo, apenas limitou-se a conservar o que o seu antecessor havia deixado.

Dom José Pereira Alves foi o terceiro bispo da diocese natalense. Era natural de Palmas, em Pernambuco. Seu período à frente da Igreja foi curto, mas deixou boas marcas de seu governo. Continuou com o trabalho incentivador na educação, iniciado por seus antecessores. Favoreceu a vinda das Filhas do Amor Divino para dirigir um Ginásio, cuja finalidade era a educação feminina. Nesse sentido, em 1927 um novo educandário se instalou: o Colégio Nossa Senhora das Vitórias, em Assu.

O bispo seguinte foi Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas, o quarto bispo e o primeiro arcebispo. Tomou posse em 29 de junho de 1929. Foi no seu bispado que a Igreja mais incentivou a instalação de colégios religiosos, tanto na capital quanto no interior do Estado, ao mesmo tempo em que diversas congregações religiosas vieram para o Rio Grande do Norte.

Embora a Diocese de Natal tenha sido criada em 1909, ela só veio a ser elevada a Arquidiocese em 1952.

conseqüentemente a Arquidiocese de Natal. Fez circular *A Ordem*, entre outros feitos significativos.

Obediente à Igreja, exigia de seu clero a mesma integridade. Disciplinado, dotado de uma admirável oratória e de uma memória fenomenal. Apesar de sua sisudez, não era visto com antipatia pelo clero. O padre Ferreira<sup>24</sup> comenta:

Dom Marcolino foi a pessoa de maior autoridade que já se viu, só que era uma autoridade mesclada com um sentido paternal. Ele exigia do clero uma obediência extrema. Por outro lado ele tratava o clero como seus filhos, por isso os padres não sentiam tanto rigor de sua autoridade, porque havia uma mistura afetiva com o sentido paternal com que ele tratava o clero em Natal.<sup>25</sup>

Dom Marcolino não tinha partido político. Para ele o político era a autoridade para a administração da cidade, como ele era autoridade para a administração da Igreja. No entanto, se recebesse a reclamação de alguém sobre um problema no bairro ele mandava chamar o prefeito e exigia que ele resolvesse a questão. Mas é importante dizer, que o bispo tinha um grande bom senso e sabia agir com diplomacia sem ferir a identidade de ninguém.

Seu lado artístico também é ressaltado por seus contemporâneos. Gostava de compor hinos para os colégios. O próprio hino do colégio Marista de Natal, cantado até os dias de hoje, foi composição de Dom Marcolino. Fazer poemas, criar trocadilhos era muito fácil para ele, já que era grande conhecedor da gramática e possuía um riquíssimo vocabulário.

Outra característica marcante do bispo era o hábito que ele tinha de presentear. Dom Heitor<sup>26</sup> lembra bem:

Ele gostava de presentear. Naquele tempo a gente usava fogão a lenha, e essa lenha era vendida por metro, Dom Marcolino mandava

---

<sup>24</sup> Pe. Ferreira foi auxiliar de Dom Marcolino. Ele é músico e costumava escrever as composições do bispo na pauta musical, quando este já não podia enxergar. Atualmente é secretário do atual Arcebispo de Natal.

<sup>25</sup> COSTA, Pedro Ferreira da. **Entrevista concedida a Joelma Alexandre**. Natal, 24 abr. 2006.

<sup>26</sup> Dom Heitor foi contemporâneo de Dom Marcolino. Hoje é Arcebispo emérito da Arquidiocese de Natal.



FOTO 2

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação, antiga Catedral em meados do séc. XX. Foi a primeira Igreja de Natal. Sua construção, passou por sucessivas ampliações, sendo concluída em 1862. A partir do final do século XIX sofreu modificações e acréscimos na sua arquitetura original, adquirindo as feições neoclássicas vistas na foto. <sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> <<http://www.natal.rn.gov.br/fotos/index.php-10k>> Acesso em: 13/06/06

comprar, digamos... Um metro de lenha. Ele mandava cortar e embrulhar dizendo: 'vá deixar na casa de fulano, diga que é um presente do bispo'. Aquilo para ele era muito significativo... <sup>27</sup>

Dom Marcolino faleceu em 8 de abril de 1967 com 79 anos de idade. Mas entre 1929 e 1967 a Igreja Católica em Natal não só vivenciou momentos de avanço em suas pastorais, como também enfrentou situações que desafiaram sua autoridade como instituição religiosa, questionando sua missão evangelizadora.

## 2.1 Os Desafios da Igreja Local

Como já foi mencionado, a Igreja em Natal estava interligada às ações da Igreja em todo o Brasil e o país passava por uma transição política. Os comunistas estavam conquistando autonomia e ameaçando a autoridade do Estado e na Igreja, visto que sua ideologia contradizia a idéia de paz tão defendida nos discursos dos religiosos.

Dom Marcolino considerava um verdadeiro empecilho a presença comunista para o crescimento da Igreja. "Ele não condenava o comunismo, condenava o comunismo como uma filosofia operacional. O comunismo era uma ideologia errada, porque para atuar precisava da luta de classes... e a Igreja pregava a paz". <sup>28</sup>

Havia ainda outros desafios para a Igreja local: as propagandas protestantes que vinham se intensificando cada vez mais.

Os protestantes que vieram para o Brasil estabelecendo-se também no Rio Grande do Norte, trouxeram consigo valores e costumes de seu lugar de origem, influenciando a sociedade potiguar. A classe média urbana foi a primeira a sentir-se atraída pela mensagem protestante, já que esta trazia inovação e parecia adequar-se à nova economia que se fundia no país.

A propaganda protestante difundida no Rio Grande do Norte estava constantemente se referindo ao progresso. Definia-se o progresso a partir de critérios de prosperidade material, maior eficiência dos

---

<sup>27</sup> SALES, Heitor de Araújo. **Entrevista concedida a Joelma Alexandre**. Natal, 25 abr. 2006.

<sup>28</sup> COSTA, Pedro Ferreira da. **Entrevista concedida a Joelma Alexandre**. Natal, 24 abr. 2006.

## II – O EPISCOPADO DE DOM MARCOLINO DANTAS

A história da Igreja Católica em Natal foi marcada por vários acontecimentos que nortearam a sociedade natalense, desde a chegada do catolicismo até a sua consolidação como a religião professada pela maioria do povo potiguar. Durante este longo tempo alguns bispos foram mais atuantes na Igreja, procuraram adaptar-se às necessidades da sociedade e inserir a própria instituição religiosa nas mudanças contemporâneas. Entre estes destaca-se Dom Marcolino, o qual teve um episcopado bastante longo, período em que a própria Igreja, em Roma, lançou novas diretrizes a serem adotadas por todo o clero.

Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas era natural da Bahia. Nasceu em Inhambupe, estado da Bahia, em 22 de janeiro de 1888. Chegou a Natal em 1 de março de 1929, contudo sua posse só ocorreu em 29 deste mês. “O Episcopado de Dom Marcolino marcou a comunidade eclesial em Natal”.<sup>22</sup>

Como bispo consciente das idéias e necessidades da Igreja, Dom Marcolino tinha duas grandes preocupações: a formação do clero e da juventude. Desse modo foi responsável pela construção do seminário e de convocação de várias congregações que se dedicavam a área educacional para virem ao Rio Grande do Norte e fundarem colégios na capital e interior do estado.



FOTO 3

Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas  
(4º Bispo e 1º Arcebispo do Rio Grande do Norte)<sup>23</sup>

Dom Marcolino criou muitas paróquias, ordenou mais de 50 padres, trabalhou para que fosse criada a Diocese de Caicó e Mossoró, e

<sup>22</sup> D. MARCOLINO deixa bem sua marca em Natal. **A ordem**. Natal, p. 6, 15 abr. 1967.

<sup>23</sup> <<http://www.arquidiocesedenatal.org.br/Bispos.htm>> Acesso em: 31/05/06.

meios de produção, utilização de tecnologia mais avançada, enfim, imitação do modelo de desenvolvimento dos países que experimentavam os desdobramentos da Revolução Industrial.<sup>29</sup>

Entre os novos valores trazidos pelos protestantes, está a idéia de progresso ligado à qualidade de vida moral do povo. O protestantismo defendia que “quanto mais perfeita’, ‘mais elevada’ e ‘mais pura’ for a religião de um povo, maior e mais notável será o seu progresso”.<sup>30</sup> Neste caso, a própria doutrina protestante dizia-se estar dentro desses critérios, ou seja, eles se autodenominavam portadores dos valores que conduziriam o povo ao progresso.

As nações em que o protestantismo era a religião oficial eram as que estavam economicamente bem, aliadas ao progresso. Entre elas estavam a Inglaterra, Suíça, Alemanha, Escócia e os Estados Unidos. Ora, se estes países aderiram ao protestantismo e haviam alcançado certo desenvolvimento, o Brasil deveria também espelhar-se nessas nações desenvolvidas.

Entretanto este progresso divulgado pelos protestantes não se tratava de uma revolução social, envolvendo as massas, mas ao contrário, seria a conversão individual de cada pessoa que levaria a uma nova mudança de comportamento seguido de uma mudança de valores que resultaria em uma qualidade de vida, ou seja, uma geração de bem-estar: bons costumes, moral.

Em 1895 chegou ao Rio Grande do Norte, William C. Porter, pastor protestante. Veio acompanhado da esposa e com a determinação de realizar um trabalho evangelizador. Para contribuir com a divulgação de sua doutrina, fundou o Jornal “O Século” no mesmo ano. No ano seguinte foi criado o Colégio Americano, que educava as crianças e os jovens nos bons costumes e sob a orientação da religião protestante.

---

<sup>29</sup> COSTA, Wicliffe de Andrade. **A implantação do protestantismo no Rio Grande do Norte (1879-1908)**. 1988. p. 77. Dissertação (Mestrado em História) - UFPE.

<sup>30</sup> Ibid., p. 78.

Ora, os católicos eram acostumados com a hegemonia na cidade, e reagiram com violência. Quando o bispo Dom Adauto veio fazer uma visita pastoral a Natal, o clima era de ira e revolta contra os protestantes.

A fim de deter a propaganda protestante, a Igreja lançou um jornal, cujo responsável era o padre João Maria: o “8 de setembro”. Por outro lado, a educação recebeu mais atenção com a chegada de congregações, entre estas as Irmãs Dorotéias, que deixaram claro em seus documentos de fundação as preocupações que norteavam a Igreja com relação ao crescimento do número de protestantes.

A seita protestante, ávida de sequazes e adeptos para sua doutrina, vendo que a colheita em um terreno inculto como é o Rio Grande do Norte, seria a mais abundante, para ali deitou seus cultos a fim de apanhar almas e almas, as quais iludidas com suas insinuações afluíssem a seus cultos a fim de abandonarem a Religião de Cristo e receberem o batismo segundo o seu rito. O coração do nosso benemérito Dom Adauto de Miranda Henrique afligia-se sobremodo pela dificuldade que encontrava para deter esta corrente de males em sua diocese, vendo que o único meio de ir contra ela seria a educação da infância em colégio católico.<sup>31</sup>

Como se vê este ‘incômodo’ dos protestantes era fato desde o final do século XIX quando estes vieram para o Rio Grande do Norte. Os protestantes representavam ameaça à autoridade da Igreja Católica, de modo que se criou uma verdadeira disputa entre as duas religiões. O que levou a Igreja a ter usado, na época, argumentos depreciativos para a religião protestante, atingindo sua moralidade. Os principais pontos de divergência entre as duas religiões giravam em torno de questões como o casamento civil e as vendas das Bíblias<sup>32</sup> (pelos protestantes), e a venda dos santos (pelos católicos).

---

<sup>31</sup> SOUZA, Itamar de. A Igreja católica no Rio Grande do Norte: catequese e educação. **Diário de Natal**, Natal, fasc. 3, p. 83. jun. 1999.

<sup>32</sup> Com a divulgação intensa da Bíblia pelos protestantes a Igreja Católica precisava de argumentos para desacreditar as pessoas com relação as Sagradas Escrituras evangélicas. Desta forma, além de criticar a sua venda, falou-se que as Bíblias divulgadas pelos presbiterianos eram falsas, pois não continham as verdadeiras palavras de Jesus. (MEDEIROS, Ana Cláudia de Moraes. **Protestantes versus católicos romanos na sociedade potiguar: 1890-1910**). 2004. p. 30. Monografia (Graduação em História) – UFRN.

Diante da presença protestante, a ação dos católicos foi manifestada com ódio e ignorância. Por muito tempo os padres exerceram funções de liderança nas muitas cidades do Brasil; serviam ao mesmo tempo como governantes, juizes, advogados e políticos. Eles pregavam contra o aparecimento das chamadas 'religiões acatólicas' e não admitiam que outros religiosos viessem a interferir no seu espaço de evangelização: "Os inimigos contra os quais a Igreja investia, empregando, para tanto, os recursos da Comunicação Social, foram apontados por Frei Dr. Paulo Evaristo Arns como sendo os protestantes, os espíritas, os maçons e os comunistas".<sup>33</sup>

Em meados do século XX a Igreja ainda convivía com problemas do início do século e, para tentar abrandar essas contrariedades, era preciso uma transformação dentro da Igreja Católica. Mas ela própria estava dividida entre os que eram a favor de uma reforma e os que queriam manter a todo o custo a mesma maneira de agir na sociedade. Esta contradição na hierarquia da instituição não impediu que os próprios leigos promovessem renovações de acordo com a necessidade local de cada diocese. Somente entre 1958-1964 foi que a Esquerda Católica estimulou ações renovadoras, mesmo assim, o grupo que aderiu às mudanças foi pequeno, embora significativo.

No Brasil, durante o fim da década de 50 e no início dos anos 60, a participação mais profunda dos católicos nos movimentos operários, camponeses e estudantes dependiam da aquiescência da hierarquia.<sup>34</sup>

Em 1930 surgiu dentro da Igreja Católica o movimento Juventude Universitária Católica (JUC), com caráter clerical e a meta de cristianizar as elites. Mas a JUC sofreu uma grande mudança em suas diretrizes entre 1946 e 1950, tornou-se autônoma, independente da Igreja a tal ponto de se opor a sua hierarquia.

---

<sup>33</sup> SOARES, Ismar de Oliveira. **Do santo ofício à libertação**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1988. p. 230.

<sup>34</sup> MAINWARING, Scott. **Igreja católica e política no Brasil (1916-1985)**. p. 83

Em 1961, o administrador apostólico da diocese de Natal, Dom Eugênio de Araújo Sales,<sup>35</sup> assumiu a liderança da crescente oposição à JUC. No mesmo ano foi lançado um documento episcopal, que proibiu o movimento de fazer pronunciamentos radicais e de assumir compromissos políticos que não estivessem de acordo com as diretrizes da Igreja.

Em geral, durante seu episcopado, Dom Marcolino procurou conciliar as divergências que causava tanto o protestantismo quanto o comunismo na Igreja local. Para ele os protestantes eram irmãos que havia se desligado da Igreja, não havia necessidade, mas assim quiseram. Quanto ao comunismo, este trazia muito mais desconforto.

## 2.2 O Zelo pela Educação Católica

Outro ponto que merece destaque no episcopado de Dom Marcolino foi sua constante preocupação com a educação. O bispo sabia da carência que a Diocese tinha de colégios religiosos, apesar dos já existentes.

Ele tinha uma visão de progresso, ele sabia que precisava de colégios de orientação cristã católica como os Salesianos, os Maristas [...] isso fazia parte do modelo de progresso que ele percebia. As instituições religiosas previam uma formação cristã que a sociedade precisava. A própria aproximação com os professores, os padres e no caso das escolas femininas, as freiras, contribuiu para a construção de uma sociedade com mais valores, com a moral e o respeito.<sup>36</sup>

Por outro lado, a Igreja Presbiteriana já havia instalado em 11 de janeiro de 1897 o Colégio Americano, que passou a ser visto como instituição educativa avançada.

[...] um ensino de qualidade pelos presbiterianos despertou o interesse de famílias mais importantes do Rio Grande do Norte. O

---

<sup>35</sup> Um clérigo com visões reformistas, mas paternalistas, em seu tratamento de assuntos eclesiásticos e relutante em permitir muita liberdade de movimento aos leigos das organizações católicas. (KADT, Emanuel de. **Católicos radicais no Brasil**. João Pessoa: Ed UFPB, 2003. p. 120)

<sup>36</sup> COSTA, Pedro Ferreira da. **Entrevista concedida a Joelma Alexandre**. Natal, 24 abr. 2006.



pioneirismo educacional caracterizado pela inovação das classes mistas, pelo trabalho feminino nas salas de aula e pelas novas disciplinas adotadas, proporcionou aos potiguares uma educação diferenciada da tradição católica. <sup>37</sup>

Entretanto, não se pode atribuir o fato de a Igreja Católica ter percebido a necessidade de colégios cristãos apenas devido à iniciativa protestante. Vale salientar que o ato de ensinar sempre esteve associado à evangelização católica.

Dom Marcolino foi o bispo de maior iniciativa no campo da educação, já que fundou, reabriu e incentivou colégios tanto na capital quanto no interior do estado do Rio Grande do Norte.

Já no início do seu episcopado ele promoveu em 21 de novembro de 1929 a Liga dos Cooperadores Diocesanos, que tinha como finalidade arrecadar fundos para as obras da Igreja.

Natal já tinha colégios cristãos como o que estava aos cuidados das irmãs Dorotéias e o Colégio Diocesano Santo Antônio. Este último fora fundado em 1903, mas havia sido fechado. Dom Marcolino convidou os irmãos Maristas para reabrirem o antigo educandário. Contudo o número de alunos tornou-se de certa forma inapropriado para as instalações do colégio, obrigando os irmãos a mudarem para um novo prédio. Adquiriram um terreno entre a Avenida Deodoro da Fonseca e a Avenida Prudente de Moraes, na Rua Apodi. A construção durou dois anos (1936-1938). <sup>38</sup>

Dom Marcolino costumava se fazer presente no Colégio Santo Antônio e sempre que podia aproximava-se dos alunos. Foi ele o autor da música e letra do hino oficial da escola, que os alunos muitas vezes o cantavam, perfilados diante da casa do bispo, que também acompanhava.

A primeira turma de formandos foi em 1934. Apesar de pouco tempo, o colégio neste período já era campeão de futebol da cidade. Também era oferecido aos alunos ginástica e instrução militar, ministrada por um sargento do exército. Na época os castigos eram os mais variados,

---

<sup>37</sup> MEDEIROS, Ana C. de M. **Protestantes versus católicos romanos na sociedade potiguar**, p. 85.

<sup>38</sup> MARIA, Nuno. **Segundo quarto de século** (1928-1953). Recife: Ed. Bagaço, 2003. p. 94.

aqueles que não soubessem se comportar eram impedidos de jogar, permaneciam de pé junto às colunas dos alpendres ou escreviam frases repetidas. No caso dos internos não saíam aos domingos.

Em 1932 Dom Marcolino convidou as irmãs Filhas do Amor Divino para dirigirem o Colégio Santa Terezinha em Caicó, mas devido ser um ano de seca intensa na região, as irmãs tiveram dificuldades de se manterem e tendo recorrido ao bispo, este as ajudou a instalar o Colégio Nossa Senhora das Neves, em Natal. Tal foi a contribuição do prelado que seu nome é mencionado com grande ênfase no livro de crônicas da fundação da escola. Em 1936 foi a vez dos padres Salesianos, que se instalaram em um terreno no bairro da Ribeira.

Dom Marcolino procurou estender a educação católica também pelo interior. Em 14 de abril de 1937, a seu pedido, as irmãs da Congregação Franciscana de Nossa Senhora do Bom Conselho instalaram-se em Ceará-Mirim, fundando o Colégio Santa Águida. Quatro anos depois, em Nova Cruz, o Colégio Nossa Senhora do Carmo.

Em 1952 as irmãs Salesianas criaram o Instituto Maria Auxiliadora, também atendendo solicitação de Dom Marcolino.

Com tantas congregações religiosas dedicando-se à educação, o próprio clero secular sentiu-se motivado a abrir colégios também. Em Angicos foi fundado o Colégio Padre Félix, inaugurado em 1942, pelo padre Manoel Tavares de Araújo.

### **2.3 A Participação da Igreja no Movimento de Natal**

As transformações que permeavam a sociedade brasileira estava bem mais presente na cidade do que no meio rural. As idéias de progresso e desenvolvimento tão comentadas por líderes políticos e o povo em geral, não atingiam os anseios do homem do campo. Este precisava de recursos para manter sua produção e nem sempre eram atendidas em suas necessidades. As atenções estavam voltadas aos investimentos urbanos. O agricultor, por sua vez, era ciente dessa falta de investimento na produção agrícola e sentia-se à margem desse almejado progresso.

A Igreja neste período buscava uma maior aproximação da realidade de seus fiéis e procurou dar continuidade a sua missão evangelizadora, revestida de uma roupagem mais voltada para o social. Até 1945 a ação social desenvolvida pela Ação Católica no Rio Grande do Norte foi incipiente, era um trabalho restrito à catequese. A Igreja limitava-se a exercer atividades assistencialistas em colaboração com a Legião Brasileira de Assistência (LBA).

Mas depois de passar um longo período ignorando os problemas políticos-sociais do país, a Igreja passou a se preocupar com a questão agrária. A iniciativa de maior importância foi a que aconteceu no Rio Grande do Norte, que ficou conhecida como Movimento de Natal.

O Movimento de Natal originou-se nas reuniões mensais do clero diocesano, na informalidade. A discussão, que permeava a conversa entre seis padres, girava em torno de encontrar uma saída para a população do campo.

Na época, o desenvolvimento industrial do país era debatido, discutindo-se suas implicações políticas, econômicas e sociais. O progresso era o sonho comum. A capital do Rio Grande do Norte, Natal, durante a II Guerra Mundial foi receptora de um grande número de estrangeiros, sendo cidade de localização geográfica estratégica para as tropas norte-americanas.

Com o aumento populacional, a cidade não tinha estrutura, nem mão-de-obra suficiente para atender as necessidades que surgiam. Era preciso uma redistribuição de serviços e contratação de pessoas para atender a demanda nos setores.

Tudo isso alterou profundamente a rotina diária da cidade que possuía em 1940, 54,836 habitantes, tendo a população praticamente duplicado em 1950, atingindo 103,215 habitantes. Ocorreu uma rápida transformação na cidade: os bares, cassinos, cabarés se multiplicaram. O comércio de um modo geral cresceu e também o nível de novos empregos, canalizando para a capital levas de desempregados, em sua maioria vindo do campo, atraídos pelo

surto de riqueza advindo dos dólares americanos, em busca de trabalho.<sup>39</sup>

Apesar do censo de 1940-1950 ter mostrado um crescimento demográfico superior a 80%, em Natal, com término da guerra, as tropas dos Estados Unidos voltaram à sua Pátria, e aos poucos a rotina voltou ao normal na cidade, salvo as incorporações culturais absorvidas pela sociedade natalense.

Outro fator que merece ser mencionado é a questão do desemprego que cresceu, provocando uma mão-de-obra barata, enquanto o campo tinha carência de trabalhadores.

A Igreja por sua vez já havia direcionado o seu olhar para a situação da sociedade, e a partir de 1948 alguns padres, como já foram mencionados, reuniram-se para discutir o assunto, entre eles o padre Eugênio Sales. A solução era organizar o trabalhador rural para a conquista de seus direitos. Essa atitude mobilizou religiosos e leigos, além de contar com a colaboração das elites oligárquicas, para a organização desses grupos, ouvindo sugestões para resolver o problema do homem do campo que estava ocioso e sem perspectivas de trabalho. “O Movimento de Natal fez parte de um amplo movimento de modernização do país, participando do processo democrático do pós-guerra”.<sup>40</sup>

Nas missões rurais falava-se sobre a exploração do homem do campo. O trabalhador rural era habilitado na alfabetização, a fim de adquirir mais conhecimento, através do qual a Igreja transmitia seus elementos ideológicos. Havia toda uma movimentação em torno da alfabetização, criaram-se até mesmo espécies de escolas ‘ambulantes’.

O Movimento de Natal teve tamanha importância para a Igreja local que ficou conhecido mundialmente. A Igreja Católica em Natal foi pioneira nesta ação social. No início, mobilizava-se a população do campo, com missas aos domingos, festividades paroquiais, e encontros de formação de líderes pastorais. Entretanto, com a própria mudança na sociedade o

---

<sup>39</sup> PAIVA, Marlúcia. A Igreja dos anos 50: o movimento de Natal. In: ANDRADE, Ilza A. Leão (Org.). **Igreja e política no RN**. Natal: Ed. Sebo Vermelho, 2000. p. 22.

<sup>40</sup> Ibid., p. 35.

movimento foi tendo um fim. “Pouco restou do Movimento de Natal, só a memória hoje aprisionada nos documentos essa lembrança dos que fizeram esse período”.<sup>41</sup>

Apesar de ter sido o padre Eugênio o idealizador do Movimento, foi durante o episcopado de Dom Marcolino que o Movimento de Natal se concretizou.

## **2.4 A Utilização dos Meios de Comunicação**

Atendendo aos apelos de Pio XI e Pio XII que incentivava a Igreja a investir nos meios de comunicação<sup>42</sup>, Dom Marcolino, juntamente com o clero local iniciou um trabalho utilizando esses meios na evangelização e catequese do povo. Eles deveriam ser usados a favor de uma boa imprensa.

Do mesmo jeito que as escolas levavam os traços da formação cristã, a Arquidiocese precisava de um jornal para que ela tivesse mais espaço e mais liberdade de expressão e *A Ordem* foi um veículo para isso [...]. Com o rádio foi a mesma coisa, mas Dom Marcolino só acompanhou os primórdios dela, quem teve toda a iniciativa foi Dom Eugênio.<sup>43</sup>

### **2.4.1 O Rádio**

Em 1936 foi realizada em Natal a primeira tentativa para a instalação de uma emissora nos mesmos moldes que vinha acontecendo por todo o país. Na época as prefeituras enviaram contribuições para colaborar com a idéia. Assim, a primeira rádio do estado, a Rádio Educadora de Natal (REN) teve sua torre inaugurada em 22 de janeiro de 1941, com a ajuda de artistas, políticos e toda a população. Dom Marcolino realizou a inauguração solene em 30 de novembro do mesmo ano, três anos depois, passou a se chamar Rádio Poti.

---

<sup>41</sup> PAIVA, M. A Igreja dos anos 50: o movimento de Natal. In: ANDRADE, Ilza A. Leão (Org.). **Igreja e política no RN**. p. 39

<sup>42</sup> “A comunicação social aqui entendida como o uso programado do livro, dos folhetos, da revista, dos jornais, do rádio e do cinema” (SOARES, Ismar de O. p. 229)

<sup>43</sup> COSTA, Pedro Ferreira da. **Entrevista concedida a Joelma Alexandre**. Natal, 24 abr. 2006.

Mas a extensão da emissora, não era só interesse dos poderes públicos, mas da própria Igreja. O rádio teve uma grande importância para a Igreja Católica. Surgiu ao lado da imprensa escrita entre as décadas de 40 e 60. Representava um instrumento valioso para a defesa da Igreja contra os 'inimigos da fé'. Além do caráter evangelizador, tinha outra característica: era um apoio na alfabetização popular, fator primordial para aproximação da Igreja às pessoas mais simples, principalmente do meio rural. "O grande entusiasmo pelo rádio teve início por volta de 1955, quando as estatísticas apontavam para a existência de mais de 700.000 aparelhos receptores em todo o país".<sup>44</sup>

Em 1961, através de um Decreto Presidencial foi criado o Movimento de Educação de Base (MEB), mediante um convênio do Ministério da Educação e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). O principal objetivo do MEB era ministrar a educação de base às populações carentes das áreas subdesenvolvidas do país. Esse sistema de alfabetização não necessitava de muitos recursos para a Escola Radiofônica funcionar; apenas uma sala ou um alpendre, um espaço que coubesse mulheres e homens, e, à frente desses, um monitor, que fosse capaz de ministrar o conteúdo; um quadro negro, cadernos, lápis, a cartilha e um lampião para dar suporte da luz.

Esse sistema radiofônico funcionava em todo o país com características gerais similares, mas cada localidade tinha suas particularidades específicas e era respeitada essa individualidade de cada região.

Apesar de o decreto ter sido aprovado na década de 60, esse experiência educativa funcionava de maneira isolada nos anos 40. Dom Eugênio em 1958 viajou para a Colômbia e pode presenciar como funcionava a educação através do rádio. Tendo gostado da idéia, trouxe-a para Natal, mas adaptando à realidade brasileira, principalmente ao Nordeste.

---

<sup>44</sup> SOARES, Ismar de O. **Do santo ofício à libertação**. p. 255.

No conjunto das ações que caracterizaram o Movimento de Natal, consideram-se as Escolas Radiofônicas como de maior repercussão local e nacional. As mesmas 'surgiram' no Rio Grande do Norte sob a responsabilidade da Igreja Católica com o apoio do Estado e tinha como objetivo proporcionar o desenvolvimento da comunidade rural, promovendo a conscientização do homem do campo... Bem como a alfabetização de adultos e adolescentes através da transmissão diária de aulas. <sup>45</sup>

Além de contribuir com a alfabetização as emissoras também auxiliaram no desenvolvimento local e na integração social do indivíduo.

A Igreja em Natal inaugurou sua rádio em agosto de 1958: a Emissora de Educação Rural de Natal. No entanto, a sua 1ª aula radiofônica foi ao ar em 20 de setembro do mesmo ano. Nessa época eram 69 escolas sintonizadas. As paróquias do interior do estado, pertenciam a São Paulo do Potengi, Macaíba, São José do Mipibu, São Gonçalo, Ceará-Mirim e Touros.

Sobre São Paulo do Potengi, Azevedo, escreve em seu livro:

A partir do ano de 1958, com a inauguração da Emissora de Educação Rural de Natal, o Centro Social colocaria 62 rádios cativos em capelas e fazendas da Paróquia, cuja matrícula atingiu o elevado número de mais de 700 alunos. Em 1961, aquele número de rádios era elevado para 121, com a instalação de novos aparelhos receptores, em outras regiões. Posteriormente, o projeto de alfabetização pelo rádio foi substituído pelas aulas da TV – Universitária de Natal, com várias Escolas instaladas na zona rural do município. <sup>46</sup>

Geralmente as Escolas Radiofônicas funcionavam na casa do próprio monitor. O programa era transmitido por uma professora, enquanto o monitor e os alunos escutavam juntos. Após a aula do rádio, o monitor auxiliava os alunos na execução das tarefas.

Devido ao grande número de analfabetos e à procura pelas Escolas Radiofônicas, muitas vezes os lugares usados para as aulas não eram apropriados, como galpões e armazéns, e nem sempre estes tinha a

---

<sup>45</sup> FRASÃO, Ewerton L. Cerqueira. **A Igreja católica e o reformismo social: o Movimento de Natal 1948-1964**. 2005. p. 53. Monografia (Graduação em História) – UFRN.

<sup>46</sup> AZEVEDO, Aluísio. **História de São Paulo do Potengi**. Prefeitura Municipal de São Paulo do Potengi. Natal: CERN; FJA, 2000. p. 49.

higienização necessária e o conforto era mínimo. Os recursos como o quadro e os cadernos eram conservados com todo o cuidado pelos alunos.

“Com apenas seis meses de funcionamento, foi comprovada a validade do ensino radiofônico pelos promotores, que trabalharam pela sua extensão [...]. As escolas radiofônicas foram suprimindo a escassez das escolas na zona rural”.<sup>47</sup>

#### **2.4.2 O Jornal “A Ordem”**

A separação entre a Igreja e o Estado, formalizada na 1ª Constituição da República, levou o episcopado e as associações religiosas a articularem-se através das reuniões episcopais e dos congressos católicos. A Igreja estava preocupada com o direcionamento da imprensa no Brasil, os bispos fizeram um apelo para que fosse formada uma “boa imprensa”.

Permitido o ingresso da tipografia no Brasil, os católicos desenvolveram, desde o início do séc. XIX, intensa atividade jornalística. De vida atribulada e geralmente curta, cada experiência refletia, na maioria dos casos, o momento histórico pelo qual passava a Igreja.<sup>48</sup>

Em 29 de janeiro de 1910 foi inaugurado o Centro da Boa Imprensa (CBI), com sede, foro e administração em Petrópolis. Entre outros objetivos, a instituição pretendia: difundir a “boa imprensa” e uma literatura adequada; promover a publicação de bons livros, originais e traduzidos; auxiliar a fundação de bibliotecas populares e círculos de leitura.

A Pastoral Coletiva dos Bispos apoiava o CBI além de insistir na necessidade desse tipo de imprensa, estava presente nas dioceses. Estas arrecadavam contribuições que colaborassem com a manutenção do material literário. Um dos meios encontrados foi a formação das Ligas da Boa Imprensa. Os padres pretendiam implantar um diário católico de

---

<sup>47</sup> FRASÃO, Ewerton L. Cerqueira. **A Igreja católica e o reformismo social**. p. 55.

<sup>48</sup> SOARES, Ismar de Oliveira. **Do Santo Ofício à libertação**. p. 174.

circulação nacional, entretanto, essa idéia não foi acatada pela maioria dos católicos, faltando assim investimentos para a mesma. Não teve sucesso.

Mas algumas dioceses conseguiram erguer com seus recursos, um jornal católico. Em Natal foi lançado o jornal *A Ordem* em 14 de julho de 1935, por iniciativa da Congregação Mariana de Moços. Um dos responsáveis pela produção era Otto Guerra.

O jornal iniciou com circulação diária e com claros objetivos: contribuir com o restabelecimento da 'ordem' em todas as atividades humanas, mas sem manter nenhum vínculo partidário. No seu editorial ressaltava que: "O programa não deveria agradar a todos, porém seguiria o lema da Ação Católica: 'fora e acima dos partidos', buscando atingir ideais mais elevados".<sup>49</sup>

O jornal publicou em seu programa que tinha intenção de fazer um trabalho direcionado para as necessidades do povo, voltando o olhar da Igreja para as questões como educação, família, doutrina, reportagens interessantes e outros. No entanto, sua ênfase eram os temas doutrinários e educativos. Os assuntos informativos, na realidade, não ocupavam muito espaço o jornal.

Nesse período a Igreja buscou se reafirmar como autoridade religiosa, visto que o país passava por mudanças políticas, econômicas e sociais, como o movimento integralista.

A Igreja no Rio Grande do Norte posicionava-se de modo favorável ao movimento integralista, que se desenvolvia rapidamente no país, a partir de 1932. Assim, no jornal *A Ordem* é publicado um longo artigo sobre a Associação Integralista Brasileira (AIB/RN).<sup>50</sup>

Através deste artigo a Igreja colocou como deveria ser o comportamento da sociedade perante o poder religioso. Este seria de obediência a sua hierarquia.

---

<sup>49</sup> SILVA, Maria de M. R. da. **Igreja e educação de adultos em Natal**: análise a partir do jornal *A Ordem* : 1935-1953. 1982. p. 35. Dissertação (Pós-graduação em Educação) – UFRN.

<sup>50</sup> Ibid. p. 36.

direcionar o ensino e a alfabetização da maneira que melhor lhe convinha, pois o caminho que a Igreja indicava, era o melhor a ser seguido, conforme explica a autora Maria M. Silva: “A *Ordem* retrata bem o posicionamento da Igreja na época, ao estampar como cabeçalho do jornal a seguinte frase: entre o conformismo burguês e o agitaçãoismo extremista, só há um caminho a seguir: a organicidade espiritual cristã”.<sup>52</sup>

Como principal meio de comunicação da Igreja, o jornal divulgava sua doutrina e era também usado para combater outras religiões: o protestantismo, espiritismo, maçonaria etc., além de impor os valores cristãos aos seus leitores.

A *Ordem* afirmava que o protestantismo não fazia parte dos sentimentos nacionais. Cabia somente ao catolicismo ser a religião do país, já que esteve presente desde o início da colonização.

O caráter educativo e doutrinário do jornal não o possibilitava um retorno financeiro suficiente para mantê-lo funcionando, o que implicou no fechamento do jornal em 1953. Nesta primeira fase, a Igreja abordava assuntos sobre a moral, comportamento pessoal em carnavais e festas em geral, sempre ressaltando os valores espirituais e suas doutrinas.

Em 1960 o jornal voltou a circular, embora tenha fechado cinco anos depois. Sua periodicidade era então semanal. Neste período a Igreja era administrada por Dom Eugênio, numa vez que Dom Marcolino já havia se afastado por motivo de doença. “Nessa época o jornal chegou a ter uma tiragem de 4 mil exemplares, sendo o segundo em Natal em se tratando de tiragem. Só perdia para o jornal *Diário de Natal*.<sup>53</sup>

Em sua segunda fase, *A Ordem* denunciou a exploração e a perseguição que os trabalhadores rurais sofriam. Devido a essas denúncias, a Igreja foi chamada de comunista por alguns proprietários rurais e políticos.

---

<sup>52</sup> SILVA, Maria de M. R. da. **Igreja e educação em Natal**. p. 42.

<sup>53</sup> A ORDEM. Disponível em

<<http://www.arquidiocesedenatal.org.br/Aordem%20historia.htm>> Acesso em: 12 abr. 2006.

No entanto, a perspectiva do jornal era diferente. Em sua primeira edição estava definido que o seu propósito era outro, o próprio nome do periódico justificava: “[...] Ordem é hierarquia e é disciplina...É numa palavra, cumprimento exato e deveres, virtudes essas que faltam à civilização atual”.<sup>54</sup> E para adaptar-se as novas exigências sociais, o estilo do jornal foi alterado, além dos enfoques as notícias. A Igreja priorizava as informações doutrinárias.

## **2.5 O Seminário em Natal.**

O primeiro bispo de Natal Dom Joaquim Antônio de Almeida fundou o Seminário Diocesano em 1911, pouco depois da criação da Diocese de Natal. A direção do seminário ficou sob os cuidados do Monsenhor Pegado. Entretanto, o seminário teve seu funcionamento interrompido devido às dificuldades financeiras. Reabriu depois de dois anos, porém as condições para mantê-lo ainda eram as mesmas, não tinha um lugar apropriado para os estudantes.

A criação do Seminário São Pedro se deu oficialmente em 15 de fevereiro de 1919 com o segundo bispo de Natal, Dom Antônio. No entanto, mesmo antes da fundação do seminário alguns jovens do Colégio Santo Antônio se interessaram pelo sacerdócio, porém estes eram obrigados a se deslocar para o seminário da Paraíba, Olinda ou Fortaleza.

Em 1924 os seminaristas foram novamente deslocados, desta vez para uma chácara no bairro de Tirol, onde por alguns anos funcionou o Cine Rio Grande. Em 1925 o seminário foi novamente fechado, reabriu e fechou de novo, até que em 1927, as portas do Colégio Diocesano Santo Antônio se abriram para acolher os seminaristas.

Como os estudos sobre a Igreja já constataram, havia muita carência de padres nas diversas paróquias. Natal também enfrentava essas dificuldades.

---

<sup>54</sup> A ORDEM. Disponível em <<http://www.arquidiocesedenatal.org.br/Aordem%20historia.htm>> Acesso em: 12 abr. 2006.

### **3. AÇÃO OU REAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA?**

Desde a segunda metade do século XIX, a Igreja vinha percebendo certa fragilidade em seu poder. Entre outros motivos, está o dos padres constituírem famílias e deixarem de lado as atividades eclesiais, enfraquecendo com isso a Igreja.

No Brasil, a Igreja Católica seguia as orientações da Igreja Romana. E esta, exigia da Igreja Nacional ações voltadas para as práticas pastorais, o que levou a Igreja brasileira a começar a afirmar sua autonomia frente ao Estado.

O fato de sentir-se ameaçada levou a Igreja a realizar reformas internas que ajudaram a melhorar sua imagem. Auxiliada por um novo fluxo de clero estrangeiro, a Igreja começou a reverter a decadência institucional das décadas anteriores. [...] Foram criadas novas dioceses e o controle episcopal sobre as atividades clericais cresceu.

De um modo geral, entre 1890 e 1916 a Igreja se preocupou sobretudo com a consolidação de reformas internas, mas alguns líderes começaram a promover uma presença mais marcante na sociedade, antecipando o modelo da neocristandade.<sup>58</sup>

#### **3.1 As Ameaças à Igreja**

O recém-nomeado arcebispo de Recife e Olinda, Dom Sebastião Leme, publicou em 1916 uma carta pastoral comentando a situação real da Igreja Católica no Brasil. A mesma tinha carência de padres, ausência de intelectuais católicos, práticas religiosas deficientes, uma limitada influência política, enfim, uma série de pontos que levou o alto clero a refletir sobre a instituição. Esta carta de Dom Sebastião Leme contribuiu para um despertar da Igreja nacional. “A Igreja precisava cristianizar as principais instituições sociais, desenvolver um quadro de intelectuais católicos e alinhar as práticas religiosas populares aos procedimentos ortodoxos”.<sup>59</sup>

---

<sup>58</sup> MAINWARING, Scott. *Igreja católica e política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2004. p. 42.

<sup>59</sup> *Ibid.* p. 41.

O jornal costumava trazer de maneira implícita aspectos que ressaltavam a doutrina católica como a única a ser seguida e a verdadeira preocupada com a sociedade. Tal idéia fica explícita.

Na edição do dia 16 de julho de 1935, era o primeiro aniversário da Constituição de 1934 e o artigo no jornal lembrava a importância de Dom Leme para eleger alguns deputados que defendessem os interesses da Igreja, no entanto, sem deixar de acatar as medidas do Estado, já que a Igreja procurava manter uma boa aproximação com o mesmo.

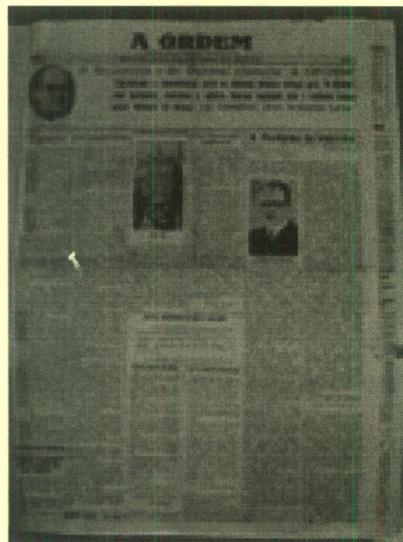


FOTO 4

Foto da capa da 1ª edição de *A Ordem*, em 1935<sup>51</sup>.

A Igreja era responsável pelo direcionamento das consciências cristãs e não se omitia de contribuir com a promoção de políticos que se posicionavam ao seu favor. Como já foi mencionado, ela 'abençoava' os projetos do Estado, legitimando suas decisões como as mais apropriadas para a população. Essa posição da Igreja era bastante significativa, visto que a crise política que atordoava a todos, vinha a ficar mais branda com a presença da Igreja repassando uma imagem de que se era possível confiar no Estado, que este representava segurança e desenvolvimento para a Nação e defesa contra as forças comunistas que ameaçavam a paz.

A cumplicidade entre Igreja e Estado estendia-se aos privilégios que a Igreja Católica recebia de modo exclusivo. Foi assim que ela alcançou seus objetivos na área educacional, tomando para si o direito de

---

<sup>51</sup> A ORDEM. Disponível em <<http://www.arquidiocesedenatal.org.br/home%20a%20ordem.htm>> Acesso em: 01 jun. 2006.

O próprio Vaticano encorajava a Igreja brasileira a se fazer mais presente na sociedade. Não só o Vaticano mas também os leigos sentiam a necessidade de uma renovação dentro da Igreja. Era preciso abrir os olhos à modernidade e não se esconder do mundo, pois a Igreja devia repensar sua missão. Nas palavras de um líder leigo: “Voltar a Cristo quer dizer voltar à vida pública, social, funcional, doméstica. (Não podemos) reduzir à missa, à confissão, à comunhão, a fitas, a medalhas, procissões”.<sup>60</sup>

Já as preocupações da Igreja protestante estenderam-se a questões da moral e dos bons costumes. A fim de conservar estes valores e cuidar pessoalmente do crescimento e desenvolvimento de crianças e jovens, a Igreja protestante iniciou um grande passo: a educação. Sendo assim, tão logo foram chegando a Natal, buscaram a instalação de um colégio protestante, já que as escolas públicas apresentavam deficiência e eram influenciadas pelo clero católico.

A princípio, pensaram em abrir uma escola para os filhos dos novos convertidos, no entanto o projeto teve que ser ampliado devido à demanda dos alunos. Vale ressaltar que eram os próprios missionários os responsáveis pelas aulas. Contudo, a ampliação da escola gerava necessidade de contratação da mão-de-obra, pessoas que pudessem dedicar-se exclusivamente à área de Educação.

A cada ano crescia o número de alunos do colégio, no entanto, os problemas financeiros não eram superados, e o Colégio Americano de Natal foi obrigado a fechar suas portas.

As escolas missionárias introduziram novos currículos no Brasil [...]. Os aspectos progressistas da educação protestante também se manifestavam nas idéias acerca da mulher, valorizada como companheira e auxiliadora do homem, e não simplesmente com o objeto de exploração, sem direitos, e totalmente dominada pelo seu cônjuge.<sup>61</sup>

---

<sup>60</sup>AZZI, Riolando apud MAINWARING, Scott. *Igreja católica e política no Brasil (1916-1985)*. p. 45.

<sup>61</sup> COSTA, Wicliffe de Andrade. **A implantação do protestantismo no Rio Grande do Norte (1879-1908)**. 1988. p. 93. Dissertação (Mestrado em História) – UFPE.

A maneira como era ministrada a educação pelos protestantes atingia as expectativas da sociedade, que esperava renovação e modernidade no sistema educacional do país. Os professores eram bem vistos, de modo que alguns foram convidados a ocupar cargos importantes no sistema escolar do Estado, o que acentuava a competência e a seriedade dos mesmos na execução de seus trabalhos.

Mas, somente nas décadas de 20 e 30, quando o espiritismo e o protestantismo começaram a crescer, a Igreja Católica veio a ter maiores preocupações com as práticas religiosas populares. Havia certo preconceito quanto às religiões acatólicas e a Igreja sentia-se na obrigação de lutar contra todas elas, tendo assim a Igreja que promover sérias mudanças no seu catecismo e na educação religiosa, entre os anos 40 e 50.

Desde o início de sua chegada ao Brasil, a Igreja Católica centralizou muito suas ações nos padres. As freiras e os leigos não tinham autoridade para certas ações, e o povo ficava desamparado sem os devidos ensinamentos da doutrina católica.

A expansão do protestantismo e do espiritismo tornou aparente o que era verdade há algum tempo: a Igreja não estava efetivamente atingindo as massas. Embora uma percentagem esmagadora da população se declarasse católica, somente uma pequena minoria tinha participação ativa na Igreja. Os protestantes, embora constituíssem uma singular minoria da população, aumentavam em número rapidamente. O crescimento foi especialmente rápido nas áreas urbanas e entre as classes populares, promovendo uma erosão nas frágeis bases do catolicismo entre massas. O espiritismo e seitas afro-brasileiras penetravam especialmente nas cidades, e muitos católicos declarados praticavam essas religiões.<sup>62</sup>

O catolicismo, como toda e qualquer religião, reivindicou ser o caminho que levava à realização total da pessoa humana, oferecendo a seus seguidores a salvação, sendo possível dizer que todos os seus elementos constitutivos só têm sentido enquanto apresentam uma incidência salvífica para os indivíduos.

---

<sup>62</sup> MAINWARING, Scott. *Igreja católica e política no Brasil (1916-1985)*. p. 53.

Antes do protestantismo se estabilizar no Brasil, a Igreja gozava de uma hegemonia tranqüila no campo religioso, não só pelo número de fiéis, como pelo apoio e proteção que lhe dava o Estado. Vale salientar que a religião sempre esteve ao lado do Estado, sacralizando o poder civil, dando-lhe maior sustentação. Por outro lado, o Estado respaldava-a, anulando assim a incidência social de outras instituições religiosas minoritárias, já que para os católicos as outras religiões eram imperfeitas.

Todavia, a situação mudou e, com o pluralismo religioso, o católico viu-se obrigado a competir. Numa sociedade pluralista, a necessidade de ganhar adeptos conduzia o catolicismo a uma mudança de atitude.

A tradicional representação de um cristianismo em crescente expansão, dobrando e conquistando as outras religiões, sendo apenas uma questão de tempo, o fez parar diante de uma série de crises que começou a se estabelecer ao seu redor, ameaçando sua hegemonia.

Aos poucos os católicos iam se sentindo incomodados com as demais religiões, dando início a uma grande inquietação.

Devido a vários fatores como razões de ordem política das configurações socioeconômicas, de extensão geográfica, de escassez do clero, foram os próprios leigos, carentes de uma formação religiosa mais profunda, que realizaram algumas manifestações.

Este catolicismo sincretista, ditado pelas necessidades, apresentou múltiplas feições que reagiram diversamente às interpretações de outras crenças, de acordo com seus participantes. É importante frisar este ponto num tempo em que a Igreja via diminuir cada vez mais seu controle social sobre os católicos, como consequência da moderna sociedade pluralista.

Contudo, o fato de estar perdendo seus membros para outras instituições religiosas acabou por questionar a própria Igreja. É certo que estava ocorrendo uma inadequação entre a linguagem e a prática oficial de um lado, e o que buscavam muitos católicos de outro. Não encontrando na Igreja a linguagem e as práticas condizentes com sua situação, partiram para outros grupos religiosos.

Dom Marcolino, ao assumir a Diocese e idenuficar esse problema, convocou a população e os poderes públicos para contribuírem com a construção de um seminário, 'a menina de seus olhos'.

No dia 3 de outubro de 1930, Dom Marcolino deu início aos trabalhos de construção do seminário, na Avenida Campos Sales. Nesta ocasião, o bispo fez a solenidade da 'bênção da pedra', com a presença de autoridades locais, entre elas o Dr. Juvenal Lamartine, governador do estado, o Comandante Jorge Landim, da Escola de Aprendizes de Marinheiro, padres, deputados, e outros. Dom Marcolino discursou,



FOTO 5  
Dom Marcolino fez a bênção solene da pedra  
fundamental para a construção do  
Seminário de São Pedro<sup>55</sup>

agradecendo a Deus e enfatizando a necessidade do apoio dos poderes públicos na construção do Seminário de São Pedro. Era um apelo da própria Igreja Romana que necessitava de um lugar que contribuísse para

<sup>55</sup> ACERVO do Seminário de São Pedro.



### 3.2 Renovar para Salvar

O mundo viveu um período de grande crise no fim do século XIX. A ciência questionava os valores da vida, a existência humana. A fome e a miséria atingiam muitos povos. A religião era questionada pela ciência. A própria existência de Deus era posta em dúvida.

De um lado: uma fonte de vida, Jesus Cristo; uma instituição que se diz e se crê capaz de dar à humanidade um meio de salvação, a Igreja. De outro: um mundo que, à medida que se eleva em seus êxitos e se instala em seu paraíso terrestre, sente aumentar o desespero, sobretudo em sua forma mais perigosa: a indiferença.<sup>63</sup>

Os cristãos tentaram avançar em uma linguagem mais libertadora, dinâmica, comunitária, e popular. No entanto, essas mudanças provocaram a ala mais conservadora da Igreja.

Todavia, o papa Paulo VI esteve atento à verdadeira missão evangelizadora da Igreja e convocava a uma adaptação entre teoria e prática, a fé e as exigências do mundo moderno.

A Igreja, tendo em vista as decisões do Concílio Vaticano II, deu início a uma série de modificações na sua liturgia, simplificou o cerimonial pontifício, criou um novo diaconato e fez reformas no calendário.

Passou a ter outro sentido a expressão 'Igreja - Comunhão'. Os problemas referentes à formação dos clérigos, às reformas nos seminários, à crise na catequese, ganharam espaço nas discussões da Igreja, e esta passou a levar em conta as experiências locais de cada padre com suas particularidades, ciente dos valores e limites de cada diocese.

Outra palavra em destaque no pontificado de Paulo VI foi ecumenismo, que se tornou uma grande preocupação. Era necessário levar em consideração a divisão que havia ocorrido entre os cristãos nas últimas décadas. Para onde haviam migrado?

Recordando as transformações que ocorreram na Igreja, antes do Concílio do Vaticano II, é possível verificar que a mesma já havia

---

<sup>63</sup> PIERRARD, Pierre. **História da Igreja**. p. 275.

a formação vocacional. “O Concílio Tridentino prescreve que os Bispos fundem seus seminários, e a Diocese de Natal não construiu o seu”.<sup>56</sup>

A construção do Seminário de São Pedro seria de grande valor para a Diocese, pois acolheria os estudantes seminaristas, tanto da capital quanto do interior do estado. Os formandos também recebiam ajuda financeira que vinha das chamadas “madrinhas”, senhoras que colaboravam com os seminaristas. Dom Marcolino não mediu esforços para a construção do Seminário de São Pedro, que durou cerca de três anos. Nesse meio tempo diversas campanhas foram feitas em prol da sua construção.



FOTO 6

Fachada do Seminário de São Pedro<sup>57</sup>

---

<sup>56</sup> SEMINÁRIO SÃO PEDRO. Natal. **Livro de crônicas do seminário São Pedro (1919-1938)**: Colligite fragmenta. Livro 1, p. 20-24.

<sup>57</sup> SEMINÁRIO de São Pedro. Disponível em < <http://www.seminariosaopedro.org.br/fotosdoseminario.htm> > Acesso em: 01 jun. 2006.

despertado para uma reformulação de suas diretrizes desde início do século XX.

A década de 20 foi um período em que a Igreja Católica buscou se firmar na sociedade, e para isso usou a influência dos intelectuais, principalmente para questionarem o Estado Republicano sobre os valores católicos na Constituição.

Entre 1920 e 1930, os católicos dedicaram-se a se tornarem mais conhecidos através de suas devoções: em 1922, aconteceu o I Congresso Eucarístico Nacional; em 1931, foi inaugurada a estátua do Cristo Redentor no Rio de Janeiro; em 1933, foi realizado o II Congresso Eucarístico Nacional.

Nessa época, várias revistas católicas iniciaram suas publicações, o que demonstrava o interesse da Igreja em difundir sua doutrina e consolidar o seu papel na sociedade brasileira.

Em 1930 o Rio Grande do Norte viveu momentos de agitações políticas, principalmente em Mossoró, Areia Branca e Natal. Um dos principais motivos era a desvalorização de mão-de-obra por parte dos coronéis da região. Em seguida, veio a seca de 1932 acirrando ainda mais esses conflitos entre a população mais simples e as classes dominantes, o que contribuiu para que muitos aderissem às idéias comunistas, levados pelo desejo de uma vida melhor.

Contudo, a Igreja resolveu interferir visando socorrer as necessidades do povo. Ela participou de questões políticas, discutiu a moradia, participou da educação, enfim, empreender várias ações sociais com o objetivo de dar assistência, embora às vezes essas atitudes fossem paternalistas.

Tais ações da Igreja no Rio Grande do Norte foram apenas reflexo de uma mudança nacional e internacional que a Igreja vinha assumindo, atendendo os apelos do Vaticano.

Como já foi mencionado, Igreja e Estado uniram-se para combater o comunismo. A Igreja contou com a colaboração do poder civil, no

financiamento de suas obras, enquanto a mesma colocava-se ao lado do Estado, apoiando suas decisões.

Amparada pela Constituição de 1934, a Igreja estava disposta a expandir suas ações no campo social, conforme Dom Evaristo acentua: “A Igreja defende o seu direito de ter instituições, próprias, como hospitais e escolas, universidades e campos de pesquisa, que possam pôr integralmente em prática os seus princípios e oferecer a contribuição específica para renovar a sociedade”.<sup>64</sup>

A Igreja procurou estar presente em todos os grupos sociais, incluindo a classe operária através do Círculo Operário que era ligado à Ação Trabalhista Brasileira. Essa organização dos operários foi fundada por Dom Leme em 1932, tendo como principal objetivo conscientizar o operário da exploração capitalista bem como, alertá-lo a respeito das idéias comunistas, já que a Igreja não apoiava as mesmas.

No entanto, não era só o Estado que era chamado a contribuir com as ações promovidas pela Igreja. A população toda era convocada, já que eram os próprios movimentos populares que haviam encorajado uma mudança eclesiástica.

Em 1935 foi criada oficialmente a Ação Católica Brasileira<sup>65</sup>, pelo cardeal Dom Sebastião Leme. Seu objetivo era organizar e controlar o movimento laico, e como consequência, exercer maior influência na sociedade civil; uma das ações que a Igreja desenvolveu, com o auxílio da Ação Católica foi o combate ao avanço das idéias comunistas dentro da sociedade brasileira.

A Ação Católica chegou ao Rio Grande do Norte ainda no governo de Dom Marcolino, mas ele limitava as ações. Seu espírito conservador, autoritário e centralizador, não incentivava o clero a participar da mesma. Visto que, não se entusiasmava por novidades, Dom Marcolino gostava de ficar atento a elas para ver se não eram apenas empolgação de momento.

---

<sup>64</sup> ARNS, Paulo Evaristo. **O que é Igreja**. p. 55.

<sup>65</sup> A Ação Católica já existia, era um apelo do papa, que convocava os leigos a participação, mas efetiva.

Sem ter total apoio do bispo, a Ação Católica, contribuiu para ações sociais no meio urbano e rural. Um dos exemplos foi a criação do Instituto Jacista Pio XI, responsável pela formação do curso primário de jovens operárias domésticas. E no ano seguinte, foi criada a Escola de Serviço Social, para preparar pessoas que tivessem condições de atuar no campo social.

O Brasil, em 1945 viveu o período de abertura democrática, as questões sociais se multiplicaram. E a Igreja acompanhou essa mudança política. Não era mais só o trabalhador urbano que preocupava a Igreja, mas as reivindicações do homem do campo. A mesma passou a dar ao trabalhador rural mais esclarecimentos do seu direito de votar. Em Natal, o jornal *A Ordem* exerceu um importante papel neste sentido, já que era através dele que a Igreja tornava público o nome dos políticos que se envolviam com o comunismo.

Vale salientar que a Igreja Católica em Natal, também estava preocupada com a formação do homem do campo. O Movimento de Natal, que englobava inúmeras ações sociais com o intuito de ajudar ao agricultor rural, foi responsável pela fundação do Patronato de Ponta Negra em 1948. Porém somente em 1952 este Patronato foi utilizado para reuniões de lideranças rurais, tendo sempre à frente a Igreja Católica.



A ferramenta de ação política da Igreja não é um partido católico, mas a Liga Eleitoral Católica (LEC), poderoso instrumento de pressão que recomendava aos eleitores os candidatos de qualquer partido, desde que se comprometessem com a defesa das 'reivindicações católicas'.<sup>66</sup>

Os anos 50 trouxeram outras questões sociais para a Igreja, dessa vez referentes à terra. Os problemas agrários estavam nas discussões políticas de todo o país, mas principalmente no Nordeste, onde a Reforma Agrária criou polêmica e divisão de opiniões nos poderes locais.

Entre os anos 50 e 60 a Igreja enfrentou outras mudanças. Desta vez a morte de Pio XII, em 1958, e a chegada de seu substituto João XXIII,

<sup>66</sup> ARNS, Paulo Evaristo. *O que é Igreja*. p.131.

que promoveu reformas importantes, visto que o primeiro era conservador, diferente do segundo que promoveu através dos documentos *Mater et Magistra* (1961) e *Pacem in Terris* (1963) modificações no pensamento católico.

Tratava-se de voltar mais para as suas origens. A Igreja percebeu as necessidades de um mundo moderno e do ser humano como capaz de contribuir com as reformas sociais. Ela redescobriu seu papel de evangelizadora e missionária e que deveria ser a primeira a estar à frente em defesa dos direitos humanos.

A Igreja vivenciou um período de democratização que consistia em dar 'mais liberdade' aos leigos, no entanto, esta liberdade era observada de longe. Caso houvesse muita autonomia em suas ações, esses movimentos leigos eram dispensados.

Alguns padres passaram a permitir celebrações leigas em suas paróquias, justificadas pela falta de tempo para atender a todos, principalmente no meio rural: "Para os modernizadores, o desejo de estimular uma maior participação leiga era uma forma de aumentar a influência da Igreja nos assuntos temporais e desenvolver um laicato que ajudasse a evangelizar as massas".<sup>67</sup>

Além de uma reforma na Igreja nacional, era necessário uma grande reforma dentro das paróquias, daí a importância de abrir espaço para os leigos, visto que o número de padres era insuficiente para dar atenção ao povo.

Em Natal, a Igreja Católica ganhou um bispo auxiliar. Dom Eugênio de Araújo Sales foi convidado a ajudar a Dom Marcolino em 1954. Dom Marcolino estava com problemas de saúde e encontrava-se impossibilitado de administrar a Igreja em Natal.

Dom Eugênio tinha uma característica dinâmica e inovadora destacando-se entre os demais bispos que administraram a Igreja potiguar. Ele fez uso de instrumentos modernos como o rádio, a imprensa e o sindicato para divulgar a doutrina católica.

---

<sup>67</sup> MAINWARING, Scott. **Igreja católica e política no Brasil (1916-1985)**. p. 77.

Antes, em 1949, Dom Eugênio criou o Serviço de Assistência Rural (SAR) direcionado a ajudar o homem do campo. Criou ainda o sindicalismo rural no Rio Grande do Norte entre 1960 e 1964, com grande adesão dos trabalhadores rurais. Outra iniciativa de Dom Eugênio foi a Campanha da Fraternidade, que ganhou âmbito nacional posteriormente.

A Campanha da Fraternidade teve início em 1962, quando três padres responsáveis pela Cáritas Brasileira pensaram em fazer uma campanha que arrecadasse fundos para as atividades assistenciais e promocionais da Igreja a fim de torná-las independente financeiramente. Essa atividade recebeu o nome de Campanha da Fraternidade. Ocorreu pela primeira vez na Quaresma de 1962, em Natal, recebendo plena adesão de mais três dioceses. Um ano depois, mais de 19 dioceses do Nordeste resolveram copiar a idéia.

Neste período, estavam sendo traçados os novos direcionamentos para as ações sociais da Igreja, com um forte apelo do Papa e a Campanha da Fraternidade mostrava a renovação da vida da Igreja e a transformação da sociedade. No início os temas da Campanha eram voltados à vida interna da Igreja. No entanto, os anseios da sociedade, o contexto socioeconômico em que se encontrava a maioria do povo, levaram a escolha de temas cada vez mais próximos à realidade da população.

Dom Eugênio, como padre e como bispo, teve uma marcante trajetória na Igreja Católica do Rio Grande do Norte e do Brasil. Como bispo auxiliar, sempre respeitou a autoridade de Dom Marcolino, mesmo quando chegou a ter plenos poderes nas decisões da Arquidiocese.

Autor de inúmeros projetos e visão ampla e renovada, foi primordial para a inserção da Igreja católica em Natal nas transformações sociais que ocorriam no país.

Assim, ao longo do tempo a Igreja Católica despertou para o seu compromisso social. Ela foi aprendendo com as necessidades e cobranças do próprio povo que dela participava a fim de manter sua posição de autoridade religiosa.

Sendo a manutenção da unidade interna, um dos princípios da Igreja Católica, era preciso encontrar uma forma para essa unidade, custasse o que custasse. Abalada em sua consciência conservadora, a Igreja procurou trilhar um novo caminho, ou seja, ela procurou reinterpretar seus princípios face à nova realidade explicada pela modernização da sociedade.<sup>68</sup>

A Igreja, que acompanhou a política do governo nos diversos campos das questões sociais, teve atitudes diversificadas, ora aplaudindo, ora questionando, ora se dividindo internamente em posições diferentes de acordo com o que melhor lhe fosse conviesse.

---

<sup>68</sup> PINTO, M<sup>a</sup> Lúcia Leite. **Escola radiofônica**. p. 51.

## CONCLUSÃO

A Igreja Católica no Rio Grande do Norte, assim como em todo o território brasileiro, passava por um momento de grandes contradições entre o que pregava boa parte do clero e as práticas exercidas por eles.

A presença dos protestantes, a indisciplina do clero secular e a própria transição política do país exigiam da Igreja uma reformulação de suas diretrizes. Ao longo dos anos ela havia se distanciado de sua missão evangelizadora, e na tentativa de se colocar lado a lado com o poder do Estado, se afastou muitas vezes de uma participação integrada às necessidades do povo.

Entretanto, tendo identificado sua omissão diante das mudanças sociais, a Igreja Católica iniciou um processo de mobilização para a reconquista do povo que havia se afastado de sua doutrina. Em Natal, Dom Marcolino Dantas participou dessa ação da Igreja e incentivou a criação de pastorais e movimentos sociais, além do uso dos meios de comunicação para restabelecer seu prestígio. O clero local também se sentia motivado a contribuir com essa inovação dentro da Igreja. Entre eles destacou-se o padre Eugênio Sales, que foi um dos idealizadores do Movimento de Natal e o programa de educação pelo rádio.

Analisar alguns aspectos que envolveram a Igreja em Natal foi o que se pretendeu nesta pesquisa. No entanto, a mesma não visou esgotar o tema, visto que este é muito amplo, mas despertar o interesse para a continuidade do estudo.

A Igreja enfrentou dificuldades que abalaram suas estruturas por todos os lados: as idéias comunistas, a presença dos protestantes, as próprias divergências entre o clero e a cúpula da hierarquia eclesial, e as necessidades que o povo enfrentou (seca, fome, questão agrária e analfabetismo).

A Igreja, num gesto de consciência sobre si mesma e sua poderosa atuação social, traçou novos direcionamentos para ver em quais aspectos deveria ocorrer uma renovação, de forma que esta renovação a conduzisse

a uma reaproximação da realidade de vida de seus fiéis. E assim, voltando seu olhar às raízes de sua fundação: o próprio povo.

## Bibliografia

ACERVO do Seminário de São Pedro.

A AÇÃO católica. **A ordem**, Natal, 27 out. 1935.

A ORDEM. Disponível em

<<http://www.arquidiocesedenatal.org.br/home%20a%20ordem.htm>>

Acesso em: 01 jun. 2006.

A ORDEM. Disponível em

<<http://www.arquidiocesedenatal.org.br/Aordem%20historia.htm>> Acesso

em: 12 abr. 2006.

ARNS, Paulo Evaristo. **O que é Igreja**. São Paulo: Abril Cultural Brasiliense, 1985.

ANDRADE, Ilza Araújo de. (Org.) **Igreja e a política no Rio Grande do Norte**: Natal: Ed. Sebo Vermelho, 2000.

AZEVEDO, Aluísio. **História de São Paulo do Potengi**. Prefeitura Municipal de São Paulo do Potengi. Natal: CERN; FJA, 2000.

AZZI, Riolando. **História da educação católica no Brasil**: Contribuição dos Irmãos Maristas. São Paulo: Loyola, 1996.

BLOCH, Marc. **Introdução à história**. Lisboa: Publicações Eup]ropa-America, 1965.

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BARROS, José D'Assunção. **O Campo da história**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

BURKE, Peter (Org.). **A escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. Natal: Fundação José Augusto, 1984.

CONFERÊNCIA Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB. **Fraternidade e pessoas idosas**: Campanha da Fraternidade/2003. São Paulo: Ed. Salesiana, 2002.

COSTA, Pedro Ferreira da. **Entrevista concedida a Joelma Alexandre**. Natal, 24 abr. 2006.

COSTA, Wicliffe de Andrade. **A implantação do protestantismo no Rio Grande do Norte (1879-1908)**. 1988. Dissertação (Mestrado em História) - UFPE.

D. MARCOLINO deixa bem sua marca em Natal. **A Ordem**. Natal, 15 abr. 1967.

SEMINÁRIO de São Pedro. Disponível em <  
<http://www.seminariosaopedro.org.br/fotosdoseminario.htm>> Acesso em:  
01 jun. 2006.

FRASÃO, Ewerton L. Cerqueira. **A Igreja católica e o reformismo social: o Movimento de Natal 1948-1964**. 2005. Monografia (Graduação em História) – UFRN.

LEERS, Frei Bernardino. Igreja e desenvolvimento rural. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Rio de Janeiro: Vozes, v. 26, fasc. 2, 26 jun.1966.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. **A Igreja católica no Brasil República: cem anos de compromisso (1889-1989)**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1991.

MARIA, Nuno. **Segundo quarto de século (1928-1953)**. Recife: Ed. Bagaço, 2003.

MARIAE, Servus. **Para entender a Igreja no Brasil: a caminhada que culminou no Vaticano II (1930-1968)**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1994.

MAWWARING, Scott. **Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MEDEIROS, Ana Cláudia de Moraes. **Protestantes versus católicos romanos na sociedade potiguar (1890-1910)**. 2004. Monografia (Graduação em História) – UFRN.

MIRANDA, Mário de França. A Igreja católica diante do pluralismo religioso no Brasil. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Rio de Janeiro: Vozes, v. 52, fasc. 202. jun 1991.

MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à história do Rio Grande do Norte**. Natal: Cooperativa Cultural Universitária, 2002.

OLIVEIRA, Lindomar Gomes de. **Estado e Igreja católica no Rio Grande do Norte (1930-1950)**

PAIVA, Marlúcia. A Igreja dos anos 50: o movimento de Natal. In: ANDRADE, Ilza A. Leão (Org.). **Igreja e política no RN**. Natal: Sebo Vermelho, 2000.

PIERRARD, Pierre. **História da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1983.

PINTO, Maria Lúcia Leite. **Escola radiofônica**: Ação política e educativa da Igreja Católica no Rio Grande do Norte (1956-1961). 1989. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFRN.

SALES, Heitor de Araújo. **Entrevista concedida a Joelma Alexandre**. Natal, 25 abr. 2006.

**LIVRO** de Livro de crônicas do Seminário de São Pedro (1919-1938) [Natal]. Livro 1.

SÍNTESE dos dados históricos mais importantes do Seminário de São Pedro. **Revista Comemorativa**, Natal, out. 1999.

SILVA, M<sup>a</sup> de Medeiros Rocha da. **Igreja e educação de adultos em Natal**: análise a partir do jornal *A Ordem* : 1935-1953. 1982. Dissertação (Pós-graduação em Educação) – UFRN.

SOARES, Irmã de Oliveira. **Do santo ofício à libertação**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1988.

SOUZA, Itamar de. 1935: os comunistas. **Diário de Natal**, Natal, fasc. 5, 22 jun. 1999.

SOUZA, Itamar de. A Igreja católica no Rio Grande do Norte: catequese e educação. **Diário de Natal**, Natal, fasc. 3, 8 jun. 1999.

TORRES. Alessandra de Melo. **A ordem é ser antiprotestante**: protestantismo e imprensa católica no Rio Grande do Norte (1935-1939). 2004. Monografia (Graduação em História) – UFRN.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da História**: micro-história. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2002.

<<http://www.novomilenio.inf.br/santos/bonden13.htm>> Acesso em: 30/05/06.

<<http://www.natal.rn.gov.br/fotos/index.php-10k>> Acesso em: 13/06/06

<<http://www.arquidiocesedenatal.org.br/Bispos.htm>> Acesso em: 31/05/06

*Tudo posso naquele que me fortalece.*

(Fl. 4, 13)